



UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA
FACULDADE DE TEOLOGIA

MESTRADO INTEGRADO EM TEOLOGIA (1.º grau canónico)

TIAGO ALEXANDRE FERREIRA VERÍSSIMO

**Liberdade e Obediência,
Os pilares da vida cristã**

Dissertação Final
sob orientação de:
Prof.^a Doutora Teresa de Jesus R. M. S. Messias

Lisboa
2017

Resumo (Abstract)

A liberdade e a obediência são os dois pilares da vida cristã, que tem como pedra angular Cristo. Estes dois pilares só se compreendem a partir da forma como Cristo viveu. Ele viveu a sua vida no caminho da obediência. Uma obediência que gera frutos porque, sendo um ato de amor, é livre. O grande fruto da sua entrega obediente e livre é o Espírito Santo. É o Espírito que nos torna filhos e por isso livres. A obediência compreende-se, então, a partir da liberdade como aquele que escuta atentamente, como um filho escuta um pai. É o Espírito que impele o cristão a seguir Jesus. Porque é a através do Espírito que Jesus se dá a conhecer e chama cada pessoa a segui-Lo, a partilhar consigo a sua vida, o seu destino e a sua missão. O seguimento de Jesus é, por isso, a concretização da obediência e da liberdade do cristão. Da obediência porque é preciso escutar atentamente o Deus que fala no mais íntimo do coração e que pede uma resposta; da liberdade porque a resposta tem que ser um ato de liberdade, porque o discípulo já não é escravo, mas filho e, por isso, livre. O seguimento de Jesus no seu caminho é a vida cristã, ou melhor, a vida cristã só se compreende a partir do seguimento de Cristo. Seguir Cristo confere, pois, uma vocação, um carisma pessoal a cada um. Uma forma particular e pessoal de realizar a missão de Cristo. Para que tal seja possível são necessárias quer a obediência quer a liberdade. Uma obediência à consciência e à autoridade, ou seja, é preciso saber escutar a voz de Jesus, o que Ele pede, na consciência quer na figura da autoridade. A liberdade é necessária para que a resposta seja autêntica, para que a obediência seja verdadeiramente obediência e não um mero ato de submissão. Para tal é necessário o discernimento como meio para escutar o que Deus pede, e qual a sua vontade.

Palavras chave

Liberdade, Obediência, Cristo, cristão, discípulo, escutar, seguimento, vida cristã, resposta, consciência, autoridade, discernimento.

Índice

Siglas e Abreviaturas	3
Introdução	6
Capítulo I A Obediência: o caminho escolhido por Jesus	8
1. A Obediência de Jesus.....	8
1.1. Amor ao Pai	11
1.2. Serviço aos homens	15
2. Consequências da obediência de Jesus.....	18
2.1. A Morte e Ressurreição como consumação da obediência de Jesus.....	20
2.2. A Obediência de Cristo abre uma nova existência.....	22
Capítulo II Chamados a seguir o caminho de Jesus	25
1. O chamamento de Deus.....	25
1.1. O Deus que fala.....	28
1.2. O homem que escuta atentamente.....	31
2. A resposta do cristão	34
2.1. O seguimento de Jesus.....	35
2.2. Imitação ou seguimento?.....	38
Capítulo III Liberdade e obediência: essência da vida e do compromisso cristão	42
1. A vida cristã	42
1.1. Missão do Cristão.....	44
1.2. O discernimento na vida cristã.....	47
2. Liberdade e Obediência: essência da vida cristã.....	52

2.1. A liberdade cristã	52
2.2. A obediência cristã.....	57
2.2.1 A obediência à consciência	59
2.2.2 A obediência à autoridade.....	61
2.3. A vida cristã: um compromisso no mundo e para com o mundo.....	64
Conclusão	68
Bibliografia	68

Siglas e Abreviaturas

Antigo Testamento

- Dt Deuterónimo
Is Isaías

Novo testamento

- 1 Cor Primeira carta aos Coríntios
1 Jo Primeira carta de S. João
2 Cor Segunda carta aos Coríntios
Act Actos dos Apóstolos
Fl Carta aos Filipenses
Gal Carta aos Gálatas
Hb Carta aos Hebreus
Jo Evangelho segundo S. João
Lc Evangelho segundo S. Lucas
Mc Evangelho segundo S. Marcos
Mt Evangelho segundo S. Mateus
Rm Carta aos Romanos
Tg Carta de S. Tiago

Documentos do Magistério

- AAS Acta Apostolicae Sedis
CIC Catecismo da Igreja Católica
DV Concílio Ecuménico Vaticano II, constituição dogmática *Dei Verbum*
GS Concílio Ecuménico Vaticano II, constituição pastoral *Gaudium et Spes*
LG Concílio Ecuménico Vaticano II, constituição dogmática *Lumen Gentium*

Outros autores

- «No extingáis el Espíritu». V.CODINA, «No extingáis el Espíritu». *Una iniciación a la Pneumatología*, Editorial Sal Terrae, Santander, 2008.
- A oração dom e tarefa. A. BRAVO, *A oração dom e tarefa. Um caminho de plenitude e de ação comprometida do servidor do Evangelho*, Paulinas Editora, Prior-Velho, 2010.

- El don de Dios.* J. L. R. DE LA PEÑA, *El don de Dios. Antropología teológica especial*, Editorial Sal Terrae, Santander, 1991, 3ª edição.
- Imagen de Dios.* J.L. R. de la PEÑA, *Imagen de Dios. Antropología Teológica Fundamental*, Editorial Sal Terrae, Santander, 1988, 5ª edição.
- Jesus de Nazaré.* J. RATZINGER, *Jesus de Nazaré. Da Entrada em Jerusalém até à Ressurreição*, Principia Editora, Lda., Cascais, 2011.
- Jesús, hoy.* A. NOLAN, *Jesús, hoy. Una espiritualidade de libertad radical*, Editorial Sal Terrae, Santander, 2011, 7ª edição.
- La libertad.* E.J. JUSTO DOMÍNGUEZ, *La libertad. De la experiencia al concepto*, Biblioteca de Autores Cristianos, Madrid, 2016.
- O discernimento.* M.I. RUPNIK, *O discernimento. Da purificação à comunhão*, Paulinas Editora, Prior Velho, 2014, 2ª edição.
- Oyente de la palabra.* K. RAHNER, *Oyente de la palabra. Fundamentos para una filosofía de la religión*, Editorial Herder, Barcelona, 1976, 2ª impressão 2009.
- Viver uma fé adulta.* L. MANICARDI, *Viver uma fé adulta. Itinerário para um cristianismo credível*, Paulinas Editora, Lisboa, 2012.

*“Tomai, Senhor, e recebei
toda a minha liberdade,
a minha memória, o meu entendimento
e toda a minha vontade,
tudo o que tenho e possuo;
Vós mo destes;
a Vós, Senhor, o restituo.
Tudo é vosso, disponde de tudo,
à vossa inteira vontade.
Dai-me o vosso amor e graça,
que esta me basta.”
(Stº Inácio de Loyola)*

Introdução

Este trabalho parte de uma inquietação pessoal, à qual tento encontrar uma resposta. A pergunta ou as perguntas de fundo que movem esta investigação são: qual a importância da liberdade e da obediência na vida cristã e o modo como vivê-las numa sociedade que as apresenta como dois polos opostos.

É um estudo que procura abranger e compreender a importância da liberdade e da obediência na vida cristã em geral, sem se fixar num estudo ou numa forma de vida cristã em particular. O facto de não se concretizar numa forma de vida ajuda a retirar a ideia de que a obediência é apenas algo para a vida consagrada ou ministros ordenados, devido ao voto ou promessa de obediência. Para tal recorreremos a vários autores, fazendo uma análise crítica e integradora desses autores, a fim de melhor compreender e encontrar, se possível fosse, uma resposta à inquietação que motiva este trabalho. A redação da pesquisa segue as regras do acordo ortográfico de 1990.

O percurso deste estudo começa, no primeiro capítulo, com o tema da obediência como o caminho que Cristo escolheu para realizar a sua missão pelo simples facto de que toda a vida cristã é iluminada e compreendida a partir da vida de Cristo. Cristo vive a sua obediência em plena liberdade. É algo que não lhe é imposto, mas que é uma opção pessoal e livre. É um ato de amor a Deus e que se realiza na sua entrega, fazendo-se servo da humanidade. Esta sua entrega tem consequências não só para Ele, mas fundamentalmente para a humanidade. É pela sua obediência que nos liberta e nos salva. Esta salvação acontece na vida da pessoa na medida em que esta se abre ao Espírito que Jesus nos oferece.

No segundo capítulo é abordado o tema do seguimento de Cristo. Um seguimento que surge do chamamento que Deus faz e pede uma resposta. Portanto, é preciso que a pessoa esteja à escuta, que escute atentamente o Deus que vem ao seu encontro e a chama. É este escutar atentamente o Deus que fala que caracteriza a obediência cristã, pois foi o modo em que Jesus

a viveu. Deus, ao chamar a pessoa, pede-lhe uma resposta. Esta resposta só é possível a partir da sua liberdade diante de Deus. É o próprio Deus que pede esta liberdade. A resposta da pessoa concretiza-se no seguimento de Jesus partilhando a sua missão, a sua vida e o seu destino.

Finalmente no terceiro capítulo falaremos da liberdade e da obediência como pilares fundamentais da vida cristã. A vida cristã, uma vez que se centra no seguimento de Cristo, é sustentada pela liberdade e pela obediência. É através da liberdade e da obediência que o cristão dá continuidade à missão de Jesus. Cada cristão é um ser original e único, tem um carisma, uma vocação pessoal para a realizar.

Capítulo I

A Obediência: o caminho escolhido por Jesus

A vida cristã só se compreende à luz da vida de Cristo. Jesus viveu toda a sua vida como um ato de entrega por amor. Um amor tal que o levou a optar por um caminho como forma de realização. O caminho que escolheu foi o da obediência ao Pai. Contudo, a sua obediência não é um mero ato de submissão ao Pai nem é uma imposição exterior. É algo que parte da própria relação de Jesus como o Pai. A sua obediência é um ato de profunda liberdade e, por isso, tem consequências. A grande consequência é a sua morte e, através dela, a nossa salvação.

1. A Obediência de Jesus

O Verbo, pelo facto de ter encarnado, pelo facto de ter assumido a nossa natureza humana, é uma pessoa concreta, com uma história concreta. Por ser pessoa só se consegue compreender quem Ele realmente é a partir da sua dimensão relacional. Ora, esta dimensão relacional caracteriza-se por ser uma relação imanente e transcendente. A relação intersubjetiva requer um diálogo, ou seja, uma abertura ao outro, um acolher o outro na sua totalidade. É esta abertura ao outro, ao diálogo, que aponta para uma abertura para um Outro, que é absoluto.

Esta abertura para o Outro é apreendida a partir da dimensão imanente, ou seja, a partir das relações humanas. Estas são o reflexo da relação com o Absoluto. Ora, este Absoluto é o próprio Deus. É o Deus, não o dos filósofos, que está na sua esfera transcendental e inacessível ao homem, mas sim o Deus que se comunica ao povo de Israel, o Deus que se vai revelando na história comunitária e pessoal e que pede uma resposta livre por parte do homem.

Este Deus comunica-se de forma plena em Jesus, que é a sua Palavra, por quem tudo foi criado. Uma vez que Deus se comunica a partir da Palavra é necessário estar à escuta, é necessário estar aberto para receber essa comunicação. Essa Palavra comunicada ao homem

exige uma resposta por parte do mesmo, uma resposta que exige liberdade e fidelidade, pois esse diálogo leva o homem a descobrir a sua vocação, ou seja, a missão, ou o projeto, que Deus tem para a sua vida.

É neste contexto relacional, de diálogo, de abertura, que se compreende a obediência de Jesus. De facto, a obediência de Jesus é marcada pela sua relação com o Pai e pela sua entrega aos homens. Estes dois aspetos marcam não só a sua obediência como a sua vida. Na verdade, a obediência é a essência do Filho. Como tal, Jesus só se realiza como Filho na medida em que se submete à vontade do Pai. Esta realização de Jesus parte do Pai e dirige-se aos homens, através do seu serviço e entrega total à vontade do Pai que o enviou com uma missão: salvar os homens¹. É nesta entrega de Jesus à vontade do Pai, por amor a Ele e como serviço aos homens, que se expressa a essência de Deus².

A opção de Jesus pela obediência ao Pai não é fruto de uma submissão opressiva a um destino irremediável ou imposto, parte de uma decisão livre do homem Jesus, que decide entregar-se livremente³ por amor. É uma opção de Jesus, ou melhor, é a opção vital que faz a partir da sua liberdade⁴. A opção vital que Jesus faz é a de fazer sua a vontade do Pai. É obedecer até ao extremo, obedecer até às últimas consequências a essa vontade paterna. Esta opção fá-la a partir da sua liberdade. É uma escolha sua. Todas as decisões e atitudes de Jesus derivam desta opção vital que Ele faz e é chamado a fazer nas situações concretas. Daí os confrontos de Jesus com os poderes da sociedade que o vão levar à morte. Esta opção vital de Jesus, de obedecer ao Pai, centra-se na sua absoluta confiança n'Ele, e deste modo compreende-se a sua pobreza, isto é, a sua liberdade interior perante as situações e as instituições e as pessoas. A sua opção vital consiste em amar até ao extremo, oferecendo a sua vida em favor dos outros, ou seja, fazer a vontade do Pai⁵.

¹ Cf. W. KASPER, *Jesús, el Cristo*, Ediciones Sígueme, Salamanca, 13ª edição, 2012, p. 248.

² Cf. W. KASPER, *El Dios de Jesucristo*, Ediciones Sígueme, Salamanca, 8ª edição, 2011, p. 202.

³ Cf. E. J. JUSTO DOMÍNGUEZ, *La libertad de Jesús*, Ediciones Sígueme, Salamanca, 2014, p. 47-51.

⁴ Cf. B. FORTE, *En memoria del salvador*, Ediciones Sígueme, Salamanca, 1997, p. 31.

⁵ Cf. E. J. JUSTO DOMÍNGUEZ, *La libertad de Jesús*, p. 39-40.

Esta sua liberdade de escolha revela que Jesus possui quer uma razão quer vontade livre⁶, o que revela que a sua vontade divina não suprime a sua vontade humana. Antes pelo contrário incorpora-a, fazendo com que a sua vontade humana se dirija, se oriente para a vontade divina, ou seja, para a vontade do Pai⁷ à qual permanece fiel até ao fim⁸.

Pode-se dizer que a sua obediência é, então, um ato de liberdade pura, ou seja, é um ato de liberdade que brota do seu ser divino que permite que se esvazie de si sem deixar de ser divino. É esta capacidade de esvaziamento que leva o Filho, na sua liberdade de Filho, a esvaziar-se da sua condição divina e assumir a vontade do Pai como servo, levando-a até ao extremo para, deste modo, nos encher com a sua riqueza⁹. Riqueza esta que vem do facto de se ter feito pobre para nos “enriquecer com a sua pobreza” (2 Cor 8,9). A sua obediência é reveladora do seu compromisso com a liberdade humana¹⁰ e, por isso, a partir da sua obediência podemos compreender a sua humanidade que fica patente sempre que Jesus tem que tomar decisões¹¹.

A sua humanidade é marcada pelas relações quer com o Pai quer com os que o rodeiam. Esta relacionalidade vem do facto do Verbo ter encarnado, o que faz com que viva humanamente a sua identidade filial¹². Deste modo, é possível compreender melhor a sua obediência como amor ao Pai e serviço aos homens. Estas duas dimensões do campo relacional permitem compreender um pouco melhor a consciência de Jesus. Jesus tem, de facto, consciência da sua origem divina desde criança, contudo, esta consciência encontra-se num estado embrionário que se vai desenvolvendo com o seu amadurecimento até chegar à idade adulta. O evangelho diz que Jesus “crescia em sabedoria, em estatura e em graça, diante de Deus e dos homens.” (Lc 2,52). Este desenvolvimento, este conhecimento que tem de si, nasce,

⁶ Cf. W. KASPER, *Jesús, el Cristo*, p. 307.

⁷ Cf. O. GONZÁLEZ DE CARDEDAL, *Cristologia*, Biblioteca de Autores Cristianos, Madrid, 2008, p. 473-474.

⁸ Cf. B. FORTE, *En memoria del salvador*, p. 30.

⁹ Cf. W. KASPER, *Jesús, el Cristo*, p. 250-251.

¹⁰ Cf. E. J. JUSTO DOMÍNGUEZ, *La libertad de Jesús*, p. 30.

¹¹ Cf. W. KASPER, *Jesús, el Cristo*, p. 306.

¹² Cf. O. GONZÁLEZ DE CARDEDAL, *Cristologia*, p. 259-260.

em primeiro lugar, da sua relação íntima e profunda com o Pai, brota da sua relação com os homens e desenvolve-se com o auxílio da Escritura que o vai ajudando a compreender quem é¹³. A sua consciência humana dirige-se para o Pai¹⁴ e é a partir das situações concretas que Jesus vai compreendendo qual a vontade do Pai¹⁵. O que se torna relevante pois Jesus não sabia, de antemão, o que lhe ia suceder. Na verdade, Jesus ao assumir a condição humana, o Verbo ao encarnar, ao esvaziar-se da sua divindade, como que se esvazia também da sua onipotência, ficando apenas com o conhecimento necessário para a realização da sua missão. Todavia, não se pode negar, como já foi dito, que Jesus tinha conhecimento da sua origem e da sua missão. A sua consciência é uma consciência pneumática¹⁶. É o facto de Jesus ter consciência de quem é e de que foi enviado com uma missão concreta que faz com que realize a vontade do Pai. Caso a negasse ou a rejeitasse, contrariando a sua consciência, corria o risco de não se realizar plenamente. Daí a importância da consciência de Jesus, de saber quem é e qual a sua missão.

De facto, é o Espírito Santo que capacita a humanidade de Jesus para a sua missão, fazendo-o sentir na sua humanidade a paternidade de Deus¹⁷. Esta ação do Espírito Santo é o que possibilita a Jesus tornar-se a resposta humana da autocomunicação do amor de Deus através da sua livre obediência e entrega¹⁸. É a partir desta autocomunicação do amor de Deus na história, realizada pelo Espírito Santo em Jesus, que se pode compreender a profunda e íntima relação de Jesus com o Pai e a sua entrega em favor dos homens. Na verdade, é da relação de amor que existe entre o Pai e o Filho que este sente a necessidade de se entregar aos homens.

1.1. Amor ao Pai

A sua relação com o Pai é única e irrepitível, só Jesus a consegue viver. Esta sua relação filial e a consciência que o próprio Jesus tem dela é fruto da sua origem divina. Há, por

¹³ Cf. M. PONCE CUÉLLAR, *Cristo, Siervo y Señor*, EDICEP, Valência, 2007, p. 273-274.

¹⁴ Cf. W. KASPER, *Jesús, el Cristo*, p. 356.

¹⁵ Cf. *Ibidem*, p. 362.

¹⁶ Cf. O. GONZÁLEZ DE CARDEDAL, *Cristologia*, p. 470-472.

¹⁷ Cf. E. J. JUSTO DOMÍNGUEZ, *La libertad de Jesús*, p. 105-106.

¹⁸ Cf. W. KASPER, *Jesús, el Cristo*, p. 366.

isso, uma reciprocidade entre o Pai e o Filho no Espírito que permite ao Filho amar e entregar-se à vontade do Pai¹⁹. A relação de Jesus com o Pai baseia-se numa relação de comunhão pessoal fundada no Amor²⁰. É a partir desta relação com o Pai que se encontra o fundamento da liberdade de Jesus²¹ e, por conseguinte, da sua obediência. A sua relação é, pois, marcada pela forma carinhosa com que Jesus trata o Pai, o que revela uma absoluta confiança e amor.

A obediência de Jesus, fundando-se na sua relação com Pai, só se torna compreensível a partir da Trindade. Uma vez que a Trindade se caracteriza pela relação entre o eterno Amante e o eterno Amado, em que o Amor faz com que se entreguem um ao outro sem reservas, compreende-se que a relação de Jesus com o Pai não seja diferente. Um amor que não impõe barreiras e limites, mas que leva à abertura e ao acolhimento do outro, num amor que se oferece a si mesmo²². Esta reciprocidade do oferecimento de um ao outro no amor, e o respetivo acolhimento, mostra a relação de Amor e liberdade que existe entre Pai e Filho, e sem este mútuo dar e acolher em liberdade, Deus não se poderia fazer realmente presente na história²³.

É, então, a partir desde amor que se oferece a si mesmo que se compreende a sua opção por fazer sua a vontade do Pai, cujo fundamento é o Amor. É nesta relação filial de confiança absoluta que se compreende o porquê de Jesus aceitar a vontade do Pai, obedecendo-lhe, não de forma humilhante, mas numa obediência filial centrada no Amor, na confiança e na fidelidade. Na sua entrega à vontade do Pai, Jesus abandona-se às mãos do Pai. É nesta entrega de confiança absoluta que se centra a sua pobreza²⁴. Esta pobreza, este colocar-se nas mãos do Pai, é a marca da sua obediência, ou melhor, a sua obediência é marcada por esta pobreza, por este abandono às mãos do Pai.

Na sua obediência, Jesus distingue-se do Pai e esta obediência é a resposta à inclinação amorosa de Deus para Ele. Este amor de Deus comunicado a si é o que torna livre a sua

¹⁹ Cf. W. KASPER, *El Dios de Jesucristo*, p. 201.

²⁰ Cf. W. KASPER, *Jesús, el Cristo*, p. 254.

²¹ Cf. E. J. JUSTO DOMÍNGUEZ, *La libertad de Jesús*, p. 92.

²² Cf. W. KASPER, *El Dios de Jesucristo*, p. 228.

²³ Cf. E. J. JUSTO DOMÍNGUEZ, *La libertad de Jesús*, p. 87.

²⁴ Cf. B. FORTE, *En memoria del salvador*, p. 36-37.

autonomia humana. A humanidade de Jesus está unida hipostaticamente com o *lógos* na forma humana, incluindo a liberdade e a consciência humanas. Mesmo sabendo que estava unido ao Pai, Jesus tinha uma consciência absolutamente humana. A sua consciência de unidade com o Pai não era um saber objetivo, ou seja, Jesus ia compreendendo a vontade do Pai nas situações concretas com que se deparava²⁵.

É a partir da intimidade que brota da profunda relação de Jesus com o Pai que Ele vai compreendendo qual vontade deste. Esta intimidade expressa-se na oração de Jesus. É na oração que Jesus escuta o Pai, escuta a sua Palavra e a põe em prática (cf. Jo 5,30). É mediante a oração que se dá o diálogo íntimo e familiar entre Jesus e o Pai. E é a partir desse diálogo, profundo e íntimo, que Ele vai conhecendo e compreendendo qual a vontade do Pai e acolhe-a como sua. Tal acolhimento só é possível mediante a ação do Espírito Santo, pois é Ele, o Espírito Santo, quem capacita Jesus para ser a resposta humana à autocomunicação do Amor de Deus através da sua livre obediência e entrega. A oração de Jesus é, então, um abrir-se incondicional à irrupção do Espírito, levando a uma abertura da sua condição humana à liberdade filial que vem de Deus²⁶.

É na oração que se dá o diálogo profundo entre o Pai e o Filho, por isso, a oração passa a ser um momento de encontro íntimo entre Pai e Filho. A oração, por ser um diálogo entre um eu e um tu, exige comunicar algo e uma resposta a esse algo que é comunicado. A obediência de Jesus necessita deste diálogo, pois é nesse encontro profundo e íntimo que Jesus reconhece, discerne e assume livremente a vontade do Pai²⁷. É na oração e a partir dela que Jesus vai conformando a sua vontade à do Pai, pois, é nela que reconhece a sua filiação divina e é a partir dela – a oração – que compreende qual a missão para que foi enviado²⁸. É nesta dinâmica da oração que Jesus compreende a vontade de Deus como um dom que tem de oferecer²⁹. Este

²⁵ Cf. W. KASPER, *El Dios de Jesucristo*, p. 361-362.

²⁶ Cf. A. BRAVO, *A oração dom e tarefa. Um caminho de plenitude e de ação comprometida do servidor do Evangelho*, Paulinas Editora, Prior-Velho, 2010, p. 102.

²⁷ Cf. E. J. JUSTO DOMÍNGUEZ, *La libertad de Jesús*, p. 103.

²⁸ Cf. A. BRAVO, *A oração dom e tarefa*, p. 105.

²⁹ Cf. E. J. JUSTO DOMÍNGUEZ, *La libertad de Jesús*, p. 93.

cumprimento só é possível mediante a ação do Espírito que faz com que toda a ação de Jesus seja ação da Trindade. É nela que reconhece o seu sustento e o ânimo para fazer a vontade do Pai (cf. Jo 4, 34). O seu reconhecer-se como Filho é que faz com que assuma como sua a vontade do Pai. Não se trata de uma força externa que se lhe impõe. Este reconhecimento dá-se a partir da relação gerada pela reciprocidade do Amor e, como tal, não pode não ser livre.

Esta consumação da vontade do Pai, tendo em conta a íntima relação entre os dois, encontra-se em dois momentos específicos da sua história nos quais a sua obediência é confrontada. São eles as tentações no deserto e a agonia no Getsémani. Estes dois momentos ajudam a compreender a opção livre de Jesus por fazer a vontade do Pai. São momentos chave, se assim se pode dizer, da vida de Jesus onde a sua liberdade é chamada a dar uma resposta. A resposta que dá é a de permanecer fiel à opção livre que fez, ou seja, permanecer fiel à vontade do Pai³⁰. Pois que a obediência é a essência do Filho, Jesus só se realiza como Filho sendo obediente ao Pai³¹.

No deserto, Satanás tenta-o seduzindo-o para um messianismo mais político³², mais vistoso. Contudo, Jesus rejeita essa possibilidade e tal acontece porque está cheio do Espírito (cf. Lc 4,1-12; Mt 4,1-11; Mc 1,12-13). É nas tentações do deserto que Jesus trava o primeiro combate, no qual entra em jogo a sua opção vital. As tentações, pelas quais passa Jesus, estão ligadas à sua missão³³, ficando patente que nada demove Jesus de levar por diante a vontade do Pai³⁴. Esta tríade de tentações, procura opor Cristo à vontade do Pai, à missão que lhe confiou e ao modo como há de cumpri-la: como servo³⁵. Está em jogo a confiança absoluta de Jesus no Pai, que viverá o seu momento dramático no Getsémani e, conseqüentemente, na sua Paixão e Morte.

³⁰ Cf. B. FORTE, *En memoria del salvador*, Ediciones Sígueme, Salamanca, 1997, p. 30.

³¹ Cf. W. KASPER, *Jesús, el Cristo*, p. 248.

³² Cf. B. FORTE, *En memoria del salvador*, p. 33.

³³ Cf. C. DUQUOC, *Cristología. El hombre Jesus*, Ediciones Sígueme, Salamanca, 1969, p. 73.

³⁴ Cf. *Ibidem*, p. 76.

³⁵ Cf. *Ibidem*, p. 91.

No Getsémani, a sua oração acentua a sua comunhão íntima com o Pai no Amor³⁶. Joseph Ratzinger diz que é na oração do Getsémani que “está presente o drama da nossa redenção.”³⁷. O Getsémani é o momento do grande combate entre a vontade humana de Jesus e a vontade divina. Contudo, Jesus permanece fiel à sua decisão vital – fazer a vontade do Pai – sobre a sua pessoa e missão, colocando-se, deste modo, nas mãos do Pai num ato de confiança absoluta na vontade divina³⁸. Esta oração, no Getsémani, não é uma oração heróica, mas centra-se na obediência e confiança ao Pai, ficando patente a sua humanidade e a sua filiação³⁹. De facto, Jesus tem consciência de ter sido enviado para aquela hora e, por esse motivo, aceita-a, apesar do medo e da tribulação⁴⁰. Ao esvaziar-se da vontade humana, assumindo como sua a vontade divina, Jesus domina a tragédia com autoridade⁴¹, tornando-se livre para dar a sua vida, como Ele próprio afirma (cf. Jo 10, 18).

Estes dois momentos põem em evidência o amor e a qualidade da relação de Jesus com o Pai. Todavia, o seu amor ao Pai concretiza-se no amor aos homens, na sua entrega por todos. Este amor aos homens, Jesus manifesta-o numa atitude de serviço. Ele próprio afirma que veio para servir e dar a vida por todos (cf. Mc 10,45; Mt 20,28; Lc 22,27; Jo 13, 3-15).

1.2. Serviço aos homens

A relação de Jesus com os homens é uma relação que se caracteriza pelo serviço. O próprio Jesus, como já foi referido mais acima, compreende o seu estar no meio dos homens como a presença de quem serve. O messianismo de Jesus é, ao contrário do que era espectável pelos Judeus, um messianismo do servo. E este recorda, segundo Christian Duquoc, que o Reino do Messias está em função do serviço e não do domínio⁴².

³⁶ Cf. A. BRAVO, *A oração dom e tarefa*, p. 135.

³⁷ J. RATZINGER, *Jesus de Nazaré. Da Entrada em Jerusalém até à Ressurreição*, Principia Editora, Lda., Cascais, 2011, p.130.

³⁸ Cf. G. BARBAGLIO, *Espiritualidad del Nuevo Testamento*, Ediciones Sígueme, Salamanca, 1994, p. 61-62.

³⁹ Cf. I. CACHO NAZÁBAL, *Cristología*, Editorial Sal Terrae, Santander, 2015, p. 300.

⁴⁰ Cf. J. RATZINGER, *Jesus de Nazaré*, p. 131.

⁴¹ Cf. I. CACHO NAZÁBAL, *Cristología*, p. 302.

⁴² Cf. C. DUQUOC, *Cristología. El hombre Jesus*, p. 83-84.

Jesus compreende-se como sendo o servo, como tendo sido enviado para ser o servo de todos. Esta sua dimensão serviçal, ou seja, de ser servo de todos, encontra nos relatos do Servo, do profeta Isaías (cf. Is 42,1-7; 49,1-6; 50,4-11; 52,13-53,12), o seu fundamento. Estes relatos ajudam, por isso, a compreender a forma como Jesus encarou a sua missão como servo e a compreensão que teve da sua própria morte⁴³. Este assumir a condição de servo é feito em obediência à vontade do Pai, pois o servo é aquele que obedece, e é, como já foi dito, uma opção livre de Jesus. É através do seu serviço que Deus salva e liberta o homem⁴⁴.

Jesus ao assumir a condição de servo assume a condição da humilhação, que fica patente na sua morte. Contudo, é a partir da humilhação que é glorificado. Ele escolhe ser servo, colocar-se ao serviço do homem por Amor a Deus para elevar o homem à condição de Filho. É um serviço que reflete o Amor misericordioso de Deus para com o Homem. Ao fazer-se servo, Jesus renuncia à sua condição divina, esvazia-se de si, para assumir a fragilidade humilhada do servo. Ao assumir na sua liberdade esta fragilidade humilhada do servo, submete-se aos poderes que escravizam o homem. Ao assumir sobre si a história, dá-lhe um novo começo através da sua obediência voluntária. Pondo, deste modo, um travão à história da desobediência, de ódio e de mentira⁴⁵, salvando o homem.

A obediência filial e serviçal passa pelo sofrimento. A carta aos Hebreus diz que foi pelo sofrimento que Jesus aprendeu a obediência (cf. Hb 5,8). Para Walter Kasper, a morte de Jesus é mais do que os sofrimentos, nos quais nos fixamos. É, antes de mais, um ato de obediência e entrega total de Jesus ao Pai⁴⁶.

O serviço é, então, o caminho que Jesus escolheu para levar a cabo a missão que o Pai lhe confiou, revelando deste modo o Amor misericordioso do Pai. Esta dimensão do serviço de Jesus aos homens, de se assumir como servo, ajuda a compreender melhor a sua obediência. De facto, o servo é aquele que obedece ao seu senhor. Jesus, fazendo-se servo, está a colocar-se na

⁴³ Cf. *Ibidem*, p. 231.

⁴⁴ Cf. *Ibidem*, p. 233.

⁴⁵ Cf. W. KASPER, *Jesús, el Cristo*, p. 320.

⁴⁶ Cf. *Ibidem*, p. 310.

atitude de quem obedece. Porém, a obediência de Jesus supera a do servo comum. Centra-se na relação filial com o Pai, como já vimos. Ao assumir a condição de servo fá-lo a partir da sua liberdade. É Ele quem escolhe, por Amor ao Pai e aos homens, colocar-se ao serviço, dando a sua vida por amor. É neste seu serviço à humanidade que se torna visível a sua liberdade. O facto de assumir livremente a vontade do Pai, e a ela ser obediente, fá-lo colocar-se ao serviço do homem. O seu serviço é um ato de liberdade, porque brota da sua obediência filial, que é ela mesma uma opção livre. Por este motivo, a sua disponibilidade para se colocar ao serviço conduz à liberdade.

Este serviço aos homens é marcado pela sua disponibilidade para com os mais desfavorecidos, para com aqueles que carecem de uma libertação. A sua ação libertadora reflete-se nas curas e exorcismos que realiza dando uma nova condição existencial à pessoa⁴⁷. A sua ação libertadora vem do facto de Jesus se encontrar no meio dos homens como o mediador por excelência. Segundo Walter Kasper, o homem enquanto pessoa é o mediador entre Deus e a criação, ou seja, o homem está no meio⁴⁸. Tal mediação vem do facto de o homem ser um ser aberto ao Absoluto, ou seja, estar aberto ao que o Absoluto lhe comunica. Contudo, a mediação não depende da pessoa humana, mas de Deus. Uma vez que um diálogo pressupõe-se escutar e responder, ações que partem do acolhimento do outro no amor, Jesus encontra-se perante Deus de forma plena, ou seja, personifica o Deus que se comunica ao homem e, ao mesmo tempo, a resposta deste para Deus⁴⁹. É por este motivo, por Jesus ser aquele por quem é comunicado o amor de Deus aos homens, que se torna não só um “simples meio de salvação nas mãos de Deus, mas o mediador pessoal da salvação”⁵⁰.

Jesus passa a ser este mediador pessoal da salvação através da sua condição de servo, pois sendo servo dá-se a todos, porque a sua liberdade o impele a ser para os outros. É este ser para os outros que caracteriza o seu serviço aos homens. E este colocar-se ao serviço dos outros

⁴⁷ Cf. E. J. JUSTO DOMÍNGUEZ, *La libertad de Jesús*, p. 25-30.

⁴⁸ Cf. W. KASPER, *Jesús, el Cristo*, p. 359-360.

⁴⁹ Cf. *Ibidem*, p. 334.

⁵⁰ *Ibidem*, p. 308.

como servo, esvaziando-se da sua condição divina para assumir a condição de servo (Fl 2,7), que torna presente a imensidão do amor de Deus para conosco. Deus, em Jesus seu Filho muito amado, fez-se servo por amor, colocando-se ao serviço do homem de todos os tempos e de todos os lugares, para o libertar e lhe dar uma nova existência.

2. Consequências da obediência de Jesus

A obediência de Jesus, por ser um ato de entrega à vontade do Pai, tem consequências. Isto porque toda a decisão que tomamos livremente tem consequências, não só para o próprio como para os que o rodeiam. Com Jesus não é diferente. Uma vez que a sua obediência parte de uma opção livre que faz, esta tem consequências para si e para os que estão à sua volta.

Deste modo, a vida de Jesus, o seu modo de vida, vai ter consequências na vida daqueles que O seguem e em si mesmo. Contudo, as consequências que advêm da sua obediência só são compreendidas à luz da sua Morte e Ressurreição. De facto, é diante do Mistério Pascal que compreendemos a profundidade da entrega de Jesus à vontade do Pai por amor aos homens.

Segundo Walter Kasper, a obediência de Jesus tem uma dupla consequência: soteriológica e escatológica. Para Kasper, o grande fruto da obediência de Jesus é a nossa redenção, a nossa libertação. Esta libertação começa com a encarnação com a qual se dá um novo início na criação, concedendo uma nova oportunidade de salvação ao homem, tendo início um novo *kairós*⁵¹. É esta a finalidade da obediência de Jesus, dar-nos uma nova possibilidade de salvação, um recomeço na nossa rede de relações. Libertando-nos da escravidão que nos aprisiona e que nos encerra em nós mesmos, abre-nos a um novo horizonte que renova as nossas relações, tornando-as espaço de comunhão e amor, ou seja, tornando-as espaço de Deus.

A redenção de Cristo joga-se no campo da liberdade e da obediência. Esta redenção operada em e por Cristo encontra no binómio Adão-Cristo (cf. Rm 5,19) o seu fundamento.

⁵¹ Cf. *Ibidem*, p. 302.

Pela desobediência, Adão ofendeu a Deus, destruindo, deste modo, o laço de amizade que tinha com Deus. Pela obediência, Jesus reconcilia, novamente, Deus com a humanidade, restituindo, deste modo, a amizade original entre Deus e o homem.

Ambas, a desobediência e a obediência, foram escolhas que partiram da liberdade. Uma leva à liberdade “escrava”, ou seja, uma liberdade que leva o homem a viver segundo os seus instintos e a sua vontade, fechando-se a Deus e, por isso, à sua realização plena. A outra leva a uma liberdade “livre”, pois faz com que o homem se abra a Deus levando-o a abrir-se à vontade de Deus, criando assim um espaço de encontro e de comunhão que lhe permite realizar-se plenamente.

Todavia, esta redenção operada por Cristo não se concentra num único momento da sua vida, mas em toda a sua vida. Toda a vida de Jesus foi e continua a ser redentora⁵². E estes sinais libertadores que Jesus realiza são sinais de que chegou o Reino de Deus, são os sinais que comprovam que Ele é o Messias esperado (cf. Lc 7,18-23; Mt 11,2-6) e que, com Ele, inicia-se um tempo novo. Toda a vida de Jesus é, por isso, um doar-se por amor que o leva a “dar a sua vida em resgate por todos” (Mc 10,45).

A obediência de Jesus leva-o a confrontar-se com as instituições da sua época. Este confronto deve-se ao facto de em Jesus se dar o início de um novo tempo. Ora, o começo de algo novo transforma, eleva a um novo patamar o que já existia. Deste modo, em Jesus dá-se o princípio do fim dos tempos, já que com a destruição do antigo templo irrompia o tempo escatológico⁵³. Toda a vida de Jesus compreende-se a partir desta dimensão escatológica. Com a sua encarnação arranca o fim dos tempos, dá-se o cumprimento de tudo o que tinha sido profetizado no Antigo Testamento, inaugurando-se um novo tempo com um culto novo. Jesus aceita este confronto entre o antigo e o novo e é devido a esse confronto que morre. Com a sua morte dá-se em definitivo o fim do tempo antigo iniciando-se o novo tempo, no qual os mortos

⁵² Cf. I. CACHO NAZÁBAL, *Cristología*, p. 309.

⁵³ Cf. W. KASPER, *Jesús, el Cristo*, p. 182.

ressuscitarão (cf. 1Cor 15,20-22; Act 25,15) e haverá um novo culto (cf. Jo 4,23). É o tempo em que Deus está no meio do seu povo, porque está conosco (cf. Mt 2,23).

Compreende-se, então, que a morte de Jesus não é fruto da ira de Deus ou um projeto orquestrado por Deus no qual busca a sua vingança⁵⁴. É, pelo contrário, uma consequência da liberdade de Jesus que, por amor quer ao Pai quer aos homens, obedeceu até ao fim ao plano salvífico de Deus para os homens⁵⁵.

2.1. A Morte e Ressurreição como consumação da obediência de Jesus

A morte de Jesus, como já vimos, é uma consequência da sua vida. É a partir da sua morte, como entrega de si mesmo em favor da humanidade, que ilumina e ajuda a entender o que foi a sua existência. Uma vivência de entrega por amor a Deus e aos homens fazendo-se servo para salvar todos. Esta sua morte por cada homem tem diferentes maneiras de ser compreendida. Esta pode ser compreendida como substituição, expiação, satisfação ou sacrifício. Contudo, nenhuma destas formas de compreender o ato redentor de Cristo será desenvolvida, pois não é esse o objetivo do trabalho. É certo que todas mostram o caráter obediencial e libertador da morte de Cristo e, por isso, a misericórdia de Deus que por Cristo restitui a dignidade e a liberdade original ao homem caído pela força do pecado⁵⁶.

A morte de Jesus põe, então, em evidência a forma como viveu a sua vida: obedecer à vontade do Pai tendo em vista a libertação do homem. Portanto, a morte de Jesus é a consequência da sua ação libertadora “porque a obediência de Jesus não é a submissão a um imperativo, mas a ação que está de acordo com a vontade libertadora de Deus.”⁵⁷.

Por isso, segundo Christian Duquoc, a morte de Jesus incorpora em si um princípio de renovação e revela uma brecha na autossuficiência do ser humano⁵⁸. Este princípio renovador

⁵⁴ Cf. O. GONZÁLEZ DE CARDEDAL, *Cristologia*, p. 518.

⁵⁵ Cf. C. DUQUOC, *Cristología. El messias*, Ediciones Sígueme, Salamanca, 1972, p. 266.

⁵⁶ Cf. O. GONZÁLEZ DE CARDEDAL, *Cristologia*, p. 548.

⁵⁷ C. DUQUOC, *Cristología. El messias*, p. 263.

⁵⁸ Cf. *Ibidem*, p. 271.

deve-se ao facto de na morte de Jesus se reconciliar novamente o homem com Deus⁵⁹. Esta reconciliação acontece devido ao facto de entre Deus e o homem se ter estabelecido uma rutura. Essa rutura vem desde Adão e que encontra em Cristo o seu restaurador, pois Adão e Cristo têm a peculiaridade de representarem toda a humanidade⁶⁰. São Paulo, na sua carta aos Romanos, diz que pela desobediência de um, todos pecaram. E pela obediência de um, todos foram justificados (cf. Rm 5,19). Se pela desobediência de Adão toda a humanidade se encontra em pecado, pela obediência de Cristo toda a humanidade é redimida⁶¹. Adão e Cristo são, pode-se dizer, os arquétipos da criação em dois níveis distintos, pois em cada um deles se encontra toda a humanidade. Em Adão, o homem velho, encontra-se a humanidade que vive sem Deus, que vive desligada de Deus. Em Cristo, o homem novo, encontra-se a humanidade que vive em Deus, que está reconciliada com Deus. Contudo, este paralelismo antitético não é equivalente, pois onde abundou o pecado, superabundou a graça⁶², quer dizer, que a graça é maior que o pecado.

Este princípio renovador tem a sua consumação com a Morte e Ressurreição de Cristo. Porém, não tem nela o seu início. O começo deste princípio renovador tem o seu início na encarnação do Verbo e esta encontra o seu cumprimento na cruz. Pela a encarnação, o Verbo fez-se carne, transformou a obediência humana e conduziu o homem a Deus⁶³, anulando deste modo a desobediência. Jesus justifica-nos diante de Deus na medida em que assume, pela sua humanidade, a história da humanidade e, por conseguinte, a consequência mais radical do ódio e do pecado, a morte, fazendo dela um sinal do dom de Deus. Por isso, a sua entrega por amor é fonte de vida e de conversão. Cristo torna-se o nosso santificador pela sua ressurreição.

A morte de Jesus é uma consequência da sua obediência. Com a sua morte fomos redimidos, fomos libertos, pois a morte de Cristo foi voluntária. Deste modo, a morte não tem

⁵⁹ Cf. J. RATZINGER, *Jesus de Nazaré*, p. 188.

⁶⁰ Cf. J. L. R. DE LA PEÑA, *El don de Dios. Antropología teológica especial*, Editorial Sal Terrae, Santander, 1991, 3ª edição, p. 90.

⁶¹ Cf. J. L. DE LA PEÑA, *El don de Dios*, p. 97.

⁶² Cf. *Ibidem*, p. 102.

⁶³ Cf. J. RATZINGER, *Jesus de Nazaré*, p. 191-192.

poder sobre Ele porque é inocente⁶⁴. Por ser uma entrega de amor, a morte não o pode destruir, porque o Amor supera a própria morte. O Amor gera vida e por isso é criativo. A morte de Jesus é, por isso, um momento em que se concretiza o que teve início com a encarnação: uma nova realidade, um novo modo de relação entre Deus e a sua criação. Concretiza-se, deste modo, uma nova criação que tem como pilares o Amor, a Obediência e a Liberdade, a Deus, Pai, Filho e Espírito Santo, fundamentos e sustentáculo destes pilares.

Esta nova existência, como fruto da entrega de Cristo por amor, é reveladora do amor misericordioso do Pai, que reconstrói o homem e destrói o seu pecado, a sua morte e doa o Espírito Santo para que o homem realize esta nova existência⁶⁵. A história da Salvação entra então numa nova fase, que já não tem como início Adão, mas Cristo que pela sua obediência nos deu uma nova existência e, por conseguinte, um novo modo de relação com Deus. A rutura entre Deus e o homem deixa de existir.

2.2. A Obediência de Cristo abre uma nova existência

Joseph Ratzinger diz que a “obediência «corpórea» de Jesus apresenta-se exatamente como espaço aberto no qual somos acolhidos e por meio do qual a nossa vida pessoal encontra um novo contexto.”⁶⁶. Esta nova existência, este novo contexto existencial, só é possível porque parte de uma ação livre e, por isso, tem a capacidade para criar algo original e definitivo⁶⁷. Jesus consegue criar algo original, em comunhão com o Pai e o Espírito Santo, porque é a Palavra feita carne, é a Palavra por quem tudo foi criado. Deste modo, toda a sua ação é criadora, ou seja, tem uma dimensão criadora e de novidade: é sempre original! Por isso, a sua obediência, por ser fruto da sua liberdade, é criadora e original. Porque ao entrar em relação com os que chama e com os que se aproximam d’Ele dá-se uma transformação, dá-se uma nova criação. A própria liberdade humana ganha uma nova dimensão, porque é iluminada e levada à plenitude

⁶⁴ Cf. C. DUQUOC, *Cristología. El messias*, p. 233.

⁶⁵ Cf. O. GONZÁLEZ DE CARDEDAL, *Cristologia*, p. 531.

⁶⁶ J. RATZINGER, *Jesus de Nazaré*, p. 192.

⁶⁷ Cf. E. J. JUSTO DOMÍNGUEZ, *La libertad de Jesús*, p. 24.

por Cristo. É nova e original. Pode-se, então, dizer que a obediência de Cristo é libertadora e conduz à liberdade, porque é fruto da liberdade.

Como podemos ver, a nova existência que Jesus nos oferece é uma existência livre. Jesus com a sua vida, morte e ressurreição, liberta-nos da nossa antiga condição, abrindo-nos as portas a uma nova condição existencial. Jesus liberta-nos daquilo que nos impede de estar de forma verdadeira e sincera diante de Deus⁶⁸, do que nos impede de sermos nós mesmos e de nos realizarmos diante de Deus. Esta nova realidade existencial que nos é oferecida é a de nos tornarmos filhos e, como tal, não nos podemos tornar escravos de ninguém⁶⁹. Tal só é possível porque Cristo, pela destruição do pecado e da morte, oferece-nos a possibilidade de viver uma vida nova em Deus “pela participação na sua própria existência mediante a recepção do seu espírito.”⁷⁰.

Esta nova existência é fruto da salvação realizada por Deus em Cristo. Não se esgota no tempo nem no espaço da sua passagem pela Terra, mas prolonga-se pelo tempo e pelo espaço até chegar à consumação final, de modo a que toda a humanidade, de todos os tempos e lugares, possa experimentar a graça da salvação⁷¹. Pois em cada tempo e em cada lugar a humanidade necessita da salvação de Cristo, isto é, necessita de ser libertada das correntes próprias de cada época que fazem com que o homem esteja prostrado por terra pela força da escravidão. A salvação de Cristo deu-se de uma vez e para sempre, mas é atualizada ao longo dos tempos, por ação do Espírito Santo e pela mediação da Igreja⁷². Todo o homem é, assim, liberto de tudo aquilo que o aprisiona. É-lhe oferecida uma nova existência, tornando-se, desta forma, sinal da salvação de Deus.

⁶⁸ Cf. J. THOMAS, *Llamados a la libertad*, Editorial Sal Terrae, Santander, 1986, p. 42-44.

⁶⁹ Cf. *Ibidem*, p. 49-50.

⁷⁰ O. GONZÁLEZ DE CARDEDAL, *Cristologia*, p. 517.

⁷¹ Cf. *Ibidem*, p. 552.

⁷² Cf. *Ibidem*, p. 553.

Por isso, cada tempo e cada espaço são tempo e espaço para o serviço e para a obediência⁷³, ou seja, são tempo em que o homem se entrega ao serviço dos homens por amor a Deus, na obediência a Deus, por Cristo e em Cristo no Espírito Santo.

Esta nova realidade existencial que vivemos já, mais não é do que a realidade de quem já se encontra salvo. Esta realidade é fruto da misericórdia de Deus que quis e quer restabelecer a amizade com o homem e restituir-lhe a sua dignidade. A salvação é então o centro desta nova realidade existencial que é oferecida por Cristo. É uma realidade que podemos experimentar já, no hoje da nossa existência, mas que encontra a sua plenitude na eternidade. E esta nova realidade reclama a nossa liberdade. Pois é a partir dela – da nossa liberdade – que decidimos se aceitamos ou não esta nova vida em Cristo. Porque, na verdade, ainda estamos marcados pelo velho Adão, ou seja, aprisionados em nós mesmos, e precisamos da salvação oferecida por Cristo.

Jesus, que já nos libertou na cruz quer que, no hoje da nossa existência, concretizemos essa salvação, essa libertação. Como tal, esta salvação deve-se refletir no nosso agir. Por isso, o cristão tem que estar atento à escuta da Palavra e do que esta lhe pede, abrindo-lhe o coração, ou seja, a sua vida, deixando que esta o transforme, porque o que está em jogo é a sua autorrealização, ou seja a sua felicidade. Por isso, o Cristão deve ter duas atitudes: a de quem escuta atentamente, isto é, obedece; e a de tomar uma decisão radical, livre.

⁷³ Cf. W. KASPER, *Jesús, el Cristo*, p. 294.

Capítulo II

Chamados a seguir o caminho de Jesus

Seguir Jesus pressupõe sempre um chamamento. Não é um chamamento qualquer. É um chamamento que o próprio Deus faz. Este chamamento é um chamamento em primeiro lugar à vida nova que Deus nos oferece por meio de Jesus, que nos oferece o Espírito que dá a vida. Seguir Jesus é, então, estar disponível para seguir um caminho que leva à plenitude da vida, que passa necessariamente por o cristão ter que fazer seu o caminho de Jesus. E o caminho que Jesus escolheu é o de estar interiormente livre para escutar o Pai e o que lhe pedia e cumprir a Sua vontade. O cristão, por ser discípulo de Jesus, é chamado a escutar atentamente o que Deus lhe pede e, na sua liberdade, dar uma resposta a esse chamamento.

1. O chamamento de Deus

Jesus, com a sua morte e ressurreição, chama-nos a uma existência nova. A uma existência que é marcada pela liberdade. Uma liberdade que se realiza na obediência, ou seja, uma liberdade que só se realiza na medida em que o cristão escuta o que Jesus lhe pede e se submete à sua vontade livremente. É no cumprimrnto dessa mesma vontade que o homem se realiza como tal.

A existência a que somos chamados leva o homem a uma transformação profunda. Esta transformação só é possível pela ação do Espírito que nos liberta em Cristo (Rm 8,1). O cristão é chamado a viver a vida do Espírito que Cristo nos dá. Este é o mesmo que lhe deu força para a realização da vontade do Pai⁷⁴. É o Espírito que nos transforma e nos confere a graça e a liberdade para cumprirmos a vontade de Deus em nós. É pela ação do Espírito que

⁷⁴ Cf. S. GAMARRA, *Teología Espiritual*, Biblioteca de Autores Cristianos, Madrid, 2007, 2ª edição, p. 83.

Cristo vive em nós (Gal 2,20) e que nos relacionamos com o Pai como filhos, porque é o Espírito que nos faz clamar “Abbá: Pai” (Gal 4,6).

É para esta existência nova que fomos criados. Deus, desde o momento em que criou cada ser humano com a sua originalidade e irrepitibilidade, não se cansa de o chamar para si. Deus quer que o homem seja feliz, isto é, que se realize plenamente, se torne aquilo para que foi criado. E esta realização o homem não a consegue por si mesmo, pelas suas forças. Só em Deus é que a consegue. O homem foi criado para o amor e só no amor encontra a sua realização. Como Deus é amor, só em Deus pode realizar-se. Por isso, a vocação primordial do homem é ao Amor. Deus chama o homem ao amor e por amor, e é na vivência deste amor que o homem se realiza. É pela Graça que o cristão participa na vida divina. É pela graça que Deus confere ao homem, mediante a sua disponibilidade interior para a acolher, que este, não só acolhe o Deus que vem ao seu encontro em Cristo, mas que existe em Cristo. Deste modo, o cristão torna-se filho no Filho, não por mérito próprio, mas por graça de Deus. Na verdade, o chamamento de Deus em Cristo é a esta participação na sua vida divina, na divinização do homem, isto porque o homem foi criado à imagem de Deus. Por isso, a divinização do homem, o seu ser filho no Filho, mais não é do que a realização daquilo a que foi chamado a ser: verdadeira imagem de Deus⁷⁵, na qual a semelhança perdida pelo pecado é restituída por Cristo. Deste modo, o homem não é só imagem, mas também é semelhante a Deus. Verdadeira imagem de Deus. Portanto, este ser “imagem de Deus” só se realiza no cristão na medida em que se deixa conformar com Cristo, que é a imagem autêntica de Deus. Assim, é tornando-se imagem de Cristo que se torna imagem de Deus⁷⁶. Esta conformação é fruto da ação do Espírito Santo e da disponibilidade interior do homem para tal.

O cristão é, por isso, chamado a ser imagem de Deus em Cristo. Para tal necessita de levar a cabo a missão a que Deus o chama em Cristo. Diz Jutta Burggraf que “ao chamar o

⁷⁵ Cf. *Ibidem*, p. 54-75.

⁷⁶ Cf. J.L. R. DE LA PEÑA, *Imagen de Dios. Antropología Teológica Fundamental*, Editorial Sal Terrae, Santander, 1988, 5ª edição, p. 78-81.

homem «pelo seu nome», Deus – o chamamento novo – deu a cada um a sua vocação, a sua missão, o seu talento específico para que enriqueça o mundo.”⁷⁷.

Por isso, o chamamento que Cristo faz à vida nova do Espírito vai influenciar toda a pessoa do discípulo, ou seja, o seu pensamento, a sua vontade, os seus sentimentos, etc., vão estar sob o influxo do Espírito. É esta ação do Espírito que leva o cristão a conformar a sua vida com a de Cristo⁷⁸. Por viver sob a ação do Espírito todas as dimensões da sua vida “estão acompanhadas e dirigidas pelo Espírito.”⁷⁹. Viver em Cristo é viver sob a ação do Espírito que realiza em nós a conversão interior do homem velho ao homem novo e nos faz capazes de doar a nossa vida por amor.

O seguimento que brota do chamamento de Cristo leva o cristão a partilhar com Ele toda a sua vida, os seus êxitos e fracassos até ao fim⁸⁰. É nesta dimensão da partilha da vida com Jesus, numa relação de amor e intimidade, que se gera o diálogo entre Deus e o homem. Cristo é o centro desse diálogo⁸¹. É a partir desse diálogo que o homem se realiza⁸² porque o diálogo realiza-se a partir do amor e no amor. Este diálogo, porque fundado no amor, leva o homem a transcender-se, pois leva-o a ir mais além de si e da realidade conhecida. Deste modo, projeta-se para o divino, para Deus⁸³.

Neste projetar-se para Deus, o homem penetra no próprio mistério pelo qual é atraído. O penetrar no mistério é um ato de fé. Pelo conhecimento racional podemos chegar ao conhecimento de Deus como origem de tudo. Contudo, para entrar no mistério é preciso dar o salto da fé, ou seja, saltar para o desconhecido e inabarcável. É preciso, por isso, deixar-se apreender pelo Mistério, ou seja, por Deus⁸⁴. Tal abertura só é possível porque a relação entre Deus e o homem é uma relação entre um “eu” e um “tu”, no qual o “eu” não se afirma negando

⁷⁷ J. BURGGRAF, *A Liberdade vivida com a força da fé*, Diel, Lisboa, 2012, p. 15.

⁷⁸ Cf. S. GAMARRA, *Teología Espiritual*, p. 183.

⁷⁹ Cf. *Ibidem*, p. 186.

⁸⁰ Cf. *Ibidem*, p. 187.

⁸¹ Cf. L.M. RULLA, *Antropologia da vocação cristã*, Edições Paulinas, São Paulo, 1987, p. 37.

⁸² Cf. *Ibidem*, p. 279.

⁸³ Cf. *Ibidem*, p. 283.

⁸⁴ Cf. K. RAHNER, *Curso Fundamental sobre la fe. Introducción al concepto de cristianismo*, Herder Editorial, Barcelona, 2007, 2ª edição, p. 76.

o “tu”, mas sim amando-o e acolhendo-o numa existência dialogante⁸⁵. É a partir deste diálogo com Cristo que o cristão faz a experiência de ser amado loucamente por Deus⁸⁶. É, então, preciso fazer o caminho de descida até à nossa fragilidade e, reconhecendo-a, assumi-la diante de Deus, pois Deus chama-nos a viver uma vida autêntica⁸⁷. Só vivendo nesta autenticidade se estabelece um diálogo único e transparente com Deus⁸⁸. É neste diálogo íntimo com Deus que o cristão vai conhecendo, não só a razão da existência, mas, também, ao que Jesus o chama. É neste diálogo íntimo com Cristo que se compreende a obediência cristã na sua dimensão da escuta atenta ao que Deus pede e de concretização desse pedido⁸⁹. Deste modo, o cristão torna-se cada vez mais semelhante ao Senhor, porque é da obediência de Cristo que nascemos⁹⁰. Os cristãos, por esse facto, completam a obediência de Jesus, “porque Jesus obedece neles até ao fim do mundo.”⁹¹.

O diálogo entre Jesus e o cristão tem, como qualquer outro, duas notas características: alguém que fala e alguém que escuta e que depois responde. Ora, nesta conversa, os protagonistas são Deus, que fala em Jesus, e o cristão, que escuta por meio da fé e que posteriormente dará uma resposta.

1.1. O Deus que fala

Deus, após a queda de Adão, a qual levou à quebra da amizade com Deus, não rejeitou o homem. Pelo contrário chama-o continuamente para restabelecer esta amizade. Por isso, quando fala com o homem, fá-lo como a um amigo, ou seja, “Deus fala aos homens como a amigos”⁹². É a partir da relação de amizade que Deus quer estabelecer com o homem que se

⁸⁵ Cf. J.L. R. de la PEÑA, *Imagen de Dios*, p. 177.

⁸⁶ Cf. J. BURGGRAF, *A Liberdade vivida com a força da fé*, p. 16-17.

⁸⁷ Cf. *Ibidem*, p. 20-21.

⁸⁸ Cf. L.M. RULLA, *Antropologia da vocação cristã*, p. 286.

⁸⁹ Cf. L. BOISVERT, *La obediencia religiosa*, Editorial Sal Terrae, Santander, 1989, p. 12.

⁹⁰ Cf. R. CANTALAMESA, *Obediência*, Edições Emanuel, Coimbra, 1995, p. 32-33.

⁹¹ L. BOISVERT, *La obediencia religiosa*, p. 13.

⁹² DV 2 in AAS vol. 58 (1966), p. 818.

compreende toda a dinâmica da salvação, Deus quer trazer para o seu convívio o homem, e, por isso, convida-o à comunhão com Ele⁹³.

Por isso, ao longo da história, para chegar à comunicação com o homem, Deus utilizou vários modos. Contudo, nos dias de hoje fala-nos por meio de Seu Filho, Jesus (cf. Hb 1,1-2). E é assim porque Jesus é o Verbo de Deus feito carne, ou seja, é a Palavra de Deus revelada. Outrora esta palavra chegava ao homem por meio dos profetas. Com a sua encarnação é a própria Palavra que fala. E nos dias de hoje continua a ser Jesus que fala por meio do Espírito.

Deste modo, compreende-se a centralidade de Cristo no diálogo entre o cristão e Deus. Este diálogo é de modo mediato e imediato. Deus contacta connosco de forma imediata através da ação do Espírito em nós, e de forma mediata, através das palavras e ações de Cristo⁹⁴. As palavras de Jesus tornam-se atuais sempre que as escutamos e meditamos com o mesmo Espírito com que foram escritas⁹⁵. De outra forma corre-se o risco de se fazerem interpretações erróneas do que o Senhor nos pede, levando a uma deturpação da mensagem cristã, e da própria palavra de Jesus⁹⁶. Todavia, como foi referido, Deus fala também de forma imediata. Esta é feita pela ação do Espírito. Para tal, é preciso abrir as portas do nosso íntimo a Deus para que se possa escutar o que Ele tem para dizer⁹⁷.

O escutar Deus no íntimo passa por cultivar uma vida interior. De facto, seguir Jesus é um caminhar interior, na busca da nossa realização pessoal diante de Deus, que se reflete no exterior. É um mergulhar na imensidão do próprio ser, iluminado e guiado pela voz do Senhor que chama. É neste mergulhar na profundidade do nosso ser que descobrimos a “voz da consciência, que se faz ouvir no mais fundo do coração”⁹⁸ e, através da qual escutamos a voz de Deus. Porque a consciência “é o núcleo mais secreto do homem e o santuário onde está a sós

⁹³ Cf. *Ibidem*, p. 818.

⁹⁴ Cf. L.M. RULLA, *Antropologia da vocação cristã*, p. 289.

⁹⁵ Cf. DV 12 in AAS vol 58 (1966) p. 823-824.

⁹⁶ Cf. J.M. URIARTE, *Servir como pastores. Claves de la espiritualidade sacerdotal*, Editorial Sal Terrae, Santander, 2011, p. 54-55.

⁹⁷ Cf. J. BURGGRAF, *A Liberdade vivida com a força da fé*, p. 42.

⁹⁸ *Ibidem*, p. 38.

com Deus, cuja voz ressoa no seu íntimo.”⁹⁹ É a partir desta experiência que o homem se dá conta de que o Deus que lhe fala é o Deus da revelação, que na sua liberdade dotou o homem para o bem. Deste modo, o homem compreende que a sua vida tem um propósito, tem um sentido concreto, ou melhor, compreende que lhe foi dada uma missão. Missão essa que ele deve levar a cabo, pois dela depende a sua felicidade. Este tema da consciência será desenvolvido mais adiante neste estudo, por isso, não o desenvolvo muito neste capítulo. Para já basta colocar a consciência como o meio através do qual Deus comunica de forma imediata com cada um.

É na interioridade que se faz a experiência da profundidade e grandeza do amor de Deus por cada um. Aceitando e acolhendo esse amor que nos é dado tornamo-nos livres. “Amar a Deus faz com que nos tornemos interiormente livres por dentro e que amemos o mundo como Ele amou”¹⁰⁰ diz Jutta Burggraf. Deste modo, escutando o Deus que nos fala ao coração, “símbolo de toda a pessoa, é o seu interior, com tudo o que ele inclui: razão e afetos, memórias e esperanças, planos e intuições, desejos e emoções, virtudes e vícios, opções e decisões.”¹⁰¹, alcançamos um conhecimento diferente que é fruto da graça e da ação do Espírito Santo em nós.

Este conhecimento que é dado como dom do amor, é um conhecimento, como diz Pascal, que a própria razão desconhece. O amor dá ao cristão um novo modo de situar-se na vida e de pensar, refletir e decidir. Todo este conhecimento constitui um processo dinâmico de abertura e crescimento na relação com Deus, na compreensão do que Deus lhe pede em Cristo. Este processo leva-o a ter que fazer uma opção vital. Ao responder positivamente a esse chamamento surgem os frutos do Espírito¹⁰². Como tal, podemos afirmar como Jutta Burggraf que, vivendo a liberdade a partir do amor que tem Deus como origem e fim, a liberdade não é

⁹⁹ GS 16 in AAS vol 58 (1966) p. 1037.

¹⁰⁰ J. BURGGRAF, *A Liberdade vivida com a força da fé*, p. 79.

¹⁰¹ V. COUTINHO, *Consciência e Liberdade à Luz da doutrina do Concílio Vaticano II*, in *Didaskalia* XLII (1012) 2, p. 151.

¹⁰² Cf. L.M. RULLA, *Antropologia da vocação cristã*, p. 309-312.

retirada, mas é ampliada: “deixo entrar Deus na minha vida, que quero viver com Ele e fazer o que me disser.”¹⁰³. É, então, necessário escutar atentamente o que o Senhor nos pede, o que nos diz no nosso coração. É preciso ser obediente, neste sentido de escutar atentamente o que o Senhor nos diz.

1.2. O homem que escuta atentamente

Escutar a Palavra de Deus revelada em Jesus é o que marca então a abertura e a disponibilidade interior do cristão para fazer a vontade de Deus. A graça de Deus só atua mediante a disponibilidade do homem. Caso não exista esta, Deus não pode agir. E a disponibilidade interior vem do encontro íntimo entre Jesus e o cristão, no qual o cristão é atraído para o Pai (Jo 14,6). Esta encontra o seu fundamento no amor Deus. É na experiência do amor que se dá a abertura do homem, porque escutar é um ato de caridade¹⁰⁴. A escuta é importante para que haja uma relação, pois faz com que o “eu” saia de si, se descentralize, e se abra ao outro que se lhe comunica, que lhe fala. É a partir da escuta que a pessoa se autotranscende e se abre ao mistério, a Deus.

PiÉ-Ninot diz que o homem “é capaz de escutar a Palavra de Deus, isto é, é ouvinte da Revelação”¹⁰⁵. A capacidade de o homem escutar é importante, pois sem ela o homem não consegue escutar o Deus que se revela por meio da sua Palavra. Este ouvir é o ouvir da fé, o *auditus fidei*, que é fruto da graça. É o escutar que permite à pessoa comunicar com Deus. Sem este escutar não há relação entre Deus e a pessoa, não há teologia, isto é, não há um diálogo entre o homem e Deus e vice-versa e não há um falar de Deus que se revela no mais profundo do homem através da graça da fé. O homem que não se abre à graça de Deus, à relação com Ele, não se põe à escuta, não ouve a Palavra e, por isso, não conhece o Deus que vem e que o

¹⁰³ J. BURGGRAF, *A Liberdade vivida com a força da fé*, p. 81.

¹⁰⁴ Cf. *Ibidem*, p. 86.

¹⁰⁵ S. PIÉ-NINOT, *La teologia fundamental*, Secretariado Trinitário, Salamanca, 5ª edição, 2002, p. 93.

quer salvar. O abrir-se à escuta de Deus é compreender que o Deus que se revela é o fundamento do seu ser¹⁰⁶.

Este abrir-se a Deus deve ser, por isso, um ato voluntário e livre. O reconhecimento de Deus como fundamento do ser deve partir de uma tomada de posição voluntária e livre. A própria vontade aponta para Deus, pois reconhece n'Ele o Absoluto e perante Ele reconhece a sua própria finitude, e n'Ele encontra o horizonte da sua realização. Deste modo, o homem reconhece em Deus a fonte da sua liberdade. É Deus quem confere e sustenta a sua liberdade para que também ele possa responder livremente. Deste modo, sabe-se livre porque experimenta a liberdade em referência ao Absoluto, ou seja, Deus¹⁰⁷. Tal abertura a Deus é algo que faz parte da essência do género humano, pelo facto de este ser um ser transcendental¹⁰⁸.

O diálogo entre Deus e o homem é, então, marcado pela transcendência e pela liberdade no qual o homem é chamado a tomar uma posição diante de Deus¹⁰⁹. É neste tomar uma decisão que o homem joga a sua liberdade. Pode negar ou aceitar Deus, sabendo que está em jogo a sua realização plena como homem¹¹⁰. A obediência não é, por isso, uma falta de liberdade. Porque sendo humana tem que ser livre¹¹¹, tem que ser uma decisão livre da pessoa. É o caminho que leva à salvação, ou seja, à realização plena e, por isso, à vida em Deus. O contrário é a desobediência, ou seja, negar-se a ouvir Deus, fechando-se em si mesmo. A desobediência leva à perdição, isto é, à sua não realização e, conseqüentemente, à morte.

Por ser um ato de caridade, como foi dito anteriormente, é livre e libertador e não algo que é imposto ao homem, porque o “amor é a chave da liberdade”¹¹² diz Jutta Burggraf. Pelo facto de a relação entre Deus e o cristão ter o seu fundamento no amor, a atitude de escutar a palavra de Deus só se compreende segundo a lógica do amor. Este amor pelo qual o homem é

¹⁰⁶ Cf. K. RAHNER, *Oyente de la palabra. Fundamentos para una filosofía de la religión*, Editorial Herder, Barcelona, 1976, 2ª impressão 2009, p. 23-26.

¹⁰⁷ Cf. *Ibidem*, p. 123-126.

¹⁰⁸ Cf. *Ibidem*, p. 96-97.

¹⁰⁹ Cf. L.M. RULLA, *Antropologia da vocação cristã*, p. 286.

¹¹⁰ Cf. J.L. R. de la PEÑA, *Imagen de Dios*, p. 191.

¹¹¹ Cf. L. BOISVERT, *La obediencia religiosa*, p. 16.

¹¹² J. BURGGRAF, *A Liberdade vivida com a força da fé*, p. 79.

atraído para Deus confere ao cristão a luz que o ajuda a compreender a presença e a ação de Deus na sua história¹¹³. É o amor que faz com que o homem se abra a Deus, o escute e lhe obedeça. Em última instância, o amor é o que leva o homem a obedecer a Deus, pois é o amor que liberta o homem. Esta liberdade não é o fechar-se em si mesmo fazendo o que apetece, mas, sim, a capacidade para se libertar do que o impede de se abrir a Deus que se revela na sua vida. Acolhendo a sua palavra e permanecendo fiel.

Por isso, é na história concreta, que o cristão tem que se questionar se ouviu e ouviu a Palavra de Deus. É na existência concreta, no tempo e no espaço concreto de cada um, que Deus se revela e que a pessoa deve estar à escuta desse Deus que se revela. Caso contrário corre o perigo de se fechar à sua realização como pessoa. E este escutar a palavra exige uma resposta por parte da pessoa¹¹⁴.

A resposta da pessoa tem que ser livre. É pelo facto de a pessoa se encontrar diante de Deus como responsável de si mesma, ou seja, responsável pelos seus atos, porque são livres¹¹⁵, que a sua resposta tem que ser livre. A escuta do Deus que fala e que leva à abertura do cristão a Deus, exige uma resposta. Esta resposta encontra a sua realização no seguimento de Cristo.

A atitude da escuta é a atitude que Deus nos pede como fica demonstrado no *Shemá* (Dt 6,4). Contudo, agora Deus quer que escutemos Jesus (Mc 9,7), que é o seu Filho. A escuta é um elemento importante no seguimento de Jesus, pois só quem ouve a sua palavra e a coloca em prática é que é seu amigo, irmão, ou seja, é parte da sua família (Lc 8,21; Jo 15,14). Escutar Jesus e guardar a sua palavra é prova de amor para com Ele e a condição para que Ele e o Pai façam a sua morada em cada pessoa (Jo 14,23). Assim, compreende-se o porquê de a obediência cristã encontrar na escuta atenta da Palavra de Deus a sua raiz mais profunda. Só quem escuta atentamente Jesus, e realiza o que Ele manda – que nos amemos uns aos outros¹¹⁶ – é que se torna seu discípulo.

¹¹³ Cf. K. RAHNER, *Oyente de la palabra*, p. 141.

¹¹⁴ Cf. *Ibidem*, p. 51-53.

¹¹⁵ Cf. *Ibidem*, p. 127.

¹¹⁶ Cf. Jo 13,34-35; Mt 22, 37-39; Mc 12, 30-31; Lc 10, 27-28

2. A resposta do cristão

A resposta do cristão é o momento chave que marca o diálogo com Deus. É através da resposta que o homem expressa a sua decisão de começar um relacionamento pessoal e íntimo com Deus, através da pessoa de Jesus, ou não. É, por isso, um momento que exige a liberdade da pessoa e expressa a sua liberdade diante de Deus.

É a partir da resposta que se compreende a liberdade da pessoa perante Deus. De facto, a sua liberdade é limitada pelos condicionamentos próprios da sua vida, ou seja, pela sua história pessoal, pelo meio social em que vive e se desenvolve. Diz Kasper que “a liberdade cristã consiste não em dispor, mas em estar disponível. Disponibilidade para uma abertura sem limites e disposição contínua, disponibilidade para o chamamento e a demanda que sai ao encontro do homem.”¹¹⁷. Esta disponibilidade é a predisposição interior para o cristão se submeter à vontade de Deus. É um colocar-se nas mãos de Deus. É um ato de amor para com Deus, ato este que se baseia na confiança em Deus, tal como Jesus o fazia. A resposta é uma decisão radical que leva o cristão a abrir-se a um destino completamente novo¹¹⁸. Destino esse que encontra em Deus, que se revela como amor, o seu sentido mais profundo. Pois este Deus conhece toda a sua vida e é diante d’Ele que o cristão “joga” a sua liberdade¹¹⁹.

É nesta decisão que tem que tomar diante de Deus, nesta resposta que tem que dar a Deus, que o chama por meio de Jesus, que o crente faz a experiência da sua liberdade. A liberdade é importante porque Jesus apresenta-se diante do cristão como O totalmente livre e não exige menos que a totalidade da liberdade da pessoa na sua resposta ao seu chamamento¹²⁰.

O novo destino a que o Senhor nos chama concretiza-se no seu seguimento. Consiste em seguir Jesus no seu caminho. Este caminho não é o que eu escolho para mim, mas o caminho que Ele designou para cada um. Para tal é necessária uma liberdade total, pois é necessária uma

¹¹⁷ W. KASPER, *Jesús, el Cristo*, p. 314.

¹¹⁸ Cf. J. M. CASTILLO, *El seguimiento de Jesús*, Ediciones Sígueme, Salamanca, 2005, 8ª edição, p. 56.

¹¹⁹ Cf. K. RAHNER, *La Gracia como libertad*, Editorial Herder, Barcelona, 2ª edição, 2008, p. 111.

¹²⁰ Cf. J. M. CASTILLO, *El seguimiento de Jesús*, p. 55.

renúncia aos nossos desejos e ambições para realizar a vontade de Deus na vida concreta. Esta disponibilidade para realizar a vontade de Deus significa compreender o que Deus quer de nós e não o contrário. É, então, uma atitude de submissão à vontade divina. Submissão que “não se identifica com o servilismo nem com o comportamento escravo que se verga, mas com a atitude responsável do cristão que é consciente de que a sua vontade pessoal é secundária.”¹²¹. Esta atitude de submissão é parte integrante da obediência cristã, que parte da escuta da Palavra de Deus e encontra na submissão a ela a sua realização. A obediência, enquanto escuta e submissão do crente a Jesus, o Verbo de Deus feito homem, tem que ser vivida “num clima de comunhão entre Deus e o homem para que seja evangélica.”¹²² diz Boisvert.

Deste modo, compreende-se o seguimento de Jesus como a concretização e a vivência da obediência por parte do discípulo.

2.1. O seguimento de Jesus

A resposta do homem ao chamamento que Deus lhe faz através de Jesus é o seguimento. O seguir Jesus parte de um chamamento, não de uma escolha que se faz. É Jesus que chamam primeiro e depois há uma resposta pessoal. Essa resposta implica uma profunda liberdade interior, pois exige um deixar tudo, um arriscar a própria vida¹²³. Pois “Jesus não impõe, mas provoca a resposta livre e pessoal.”¹²⁴.

Jesus, quando propõe o seguimento, exige que o discípulo renuncie a si mesmo, carregue a sua cruz e o siga (cf. Mc 8,34; Mt 16,24; Lc 9,23). E seguir Jesus é segui-Lo no seu caminho. O seguimento de Jesus exige, pois, a mais absoluta liberdade. Exige a liberdade interior, na qual somos capazes de nos renegarmos, de descentramo-nos de nós próprios, para que Jesus seja o nosso centro. É um perdermo-nos a nós próprios a fim de sermos encontrados em Cristo. Seguir Jesus é um ato de liberdade, exige que a pessoa esteja livre de correntes.

¹²¹ L. BOISVERT, *La obediencia religiosa*, p. 16.

¹²² *Ibidem*, p. 16.

¹²³ Cf. W. KASPER, *El Dios de Jesucristo*, p. 200.

¹²⁴ B. FERNÁNDEZ, *Jesucristo. Seguimiento y contemplación*, Publicaciones Claretianas, Madrid, 2006, p. 32.

Porque o seguimento de Jesus é um caminho de liberdade¹²⁵. Por isso, o discípulo deve esvaziar-se dos seus desejos e interesses para que se tornem “transparentes à vontade divina”¹²⁶. Esta transparência à vontade divina só é possível devido ao relacionamento pessoal e íntimo com o Senhor Jesus.

Seguir Jesus é partilhar a sua vida, a vida que Ele nos oferece e à qual nos chama. Seguir Jesus é, por isso, viver em Deus, de Deus e para Deus. O chamamento cristão é um chamamento à vida divina que implica um seguimento. Não um seguimento de uma ideia, mas de uma pessoa concreta que chama cada um pelo seu nome. Seguir Jesus, mais que seguir normas e verdades, é estabelecer uma relação pessoal com Jesus. O seguimento parte sempre da relação pessoal com Jesus e, só depois, aparecem as verdades às quais se adere. A própria fé cristã tem o seu fundamento, não em verdades, nem numa ideologia, mas, sim, numa pessoa, Jesus Cristo¹²⁷. Seguir Jesus é fazer a experiência da gratuidade do Amor que Deus nos oferece em Cristo¹²⁸. Um amor que transforma a vida, ou melhor, um amor que dá vida e vida em abundância (cf. Jo 10,10). Este amor que nos inunda e que trespassa é dom do Espírito que Jesus nos deu e, mediante a nossa disponibilidade interior e abertura, nos transforma e nos conduz à plenitude do amor. O seguimento é um chamamento ao amor, por isso, a iniciativa é sempre do Senhor e nunca do homem¹²⁹. É o próprio Jesus quem nos escolhe e não o contrário (cf. Jo 15,16).

Ora, seguir Jesus pressupõe uma relação pessoal com o próprio Jesus, como diz J. M. Castillo: “há seguimento de Jesus onde há relação pessoal com o próprio Jesus.”¹³⁰. Esta relação pessoal com Jesus exige do cristão uma resposta total e absoluta, pois “implica uma adesão incondicional à pessoa de Jesus.”¹³¹. É fazer de Jesus o centro da vida. De facto, seguir Jesus

¹²⁵ Cf. J. M. CASTILLO, *El seguimiento de Jesús*, p. 21.

¹²⁶ L. BOISVERT, *La obediencia religiosa*, p. 19.

¹²⁷ Cf. J. M. CASTILLO, *El seguimiento de Jesús*, p. 81.

¹²⁸ Cf. B. FERNÁNDEZ, *Seguir a Jesús, el Cristo*, Publicaciones Claretianas, Madrid, 1998, p. 45.

¹²⁹ Cf. *Ibidem*, p. 46.

¹³⁰ J. M. CASTILLO, *El seguimiento de Jesús*, p. 80.

¹³¹ B. FERNÁNDEZ, *El Cristo del seguimiento*, Publicaciones Claretianas, Madrid, 1995, p. 176.

no seu caminho não é estabelecer apenas uma relação com os objetos próprios da religião, mas é algo mais exigente e profundo¹³². É preciso criar uma relação afetiva com Jesus, é preciso que o cristão se deixe cativar por Cristo e por Ele se apaixone. Seguir Cristo exige que cada geração se abra ao Espírito que Ele nos deixou para recriar o seguimento, porque cada geração deve conformar-se e definir-se a partir da relação pessoal com Jesus, que se funda no amor¹³³.

Esta relação pessoal com Jesus é o que lhe confere um conhecimento cada vez mais profundo da pessoa de Cristo. É procurando percorrer o seu caminho, partilhando com Ele a vida e a sua missão, fazendo-se dócil à sua vontade, recordando os seus gestos, que o cristão vai conhecendo Cristo, porque o vai experimentando na sua existência¹³⁴. Por isso, o conhecimento profundo de Cristo não vem da alta cristologia, da cristologia teórica, mas sim da relação pessoal entre o cristão e Cristo, pela qual o cristão vai conhecendo quem é Jesus, o Cristo¹³⁵. É a partir da relação afetiva com Jesus, isto é, a partir do amor que gera a amizade e o faz apaixonar-se por Cristo, que o cristão conhece em profundidade o Mestre. Pois partilha com Ele a sua intimidade.

O seguimento de Jesus exige, por isso, uma conversão permanente. Conversão que leva o cristão a colocar-se sempre no lugar do discípulo e não do mestre. É uma conversão que parte da relação pessoal com Cristo e à medida que esta se vai aprofundando o crente procura conformar-se mais com o Mestre, procurando assemelhar-se a Ele¹³⁶. Sem, no entanto, perder a sua original e singular personalidade. Este processo de conversão é, por isso, uma “batalha” continua entre a vontade própria e a vontade de Deus. Contudo, devido ao facto de o cristão ser sempre discípulo olha sempre para Cristo porque desde a sua condição humana, o homem, é discípulo, isto é, é quem aprende e quem escuta¹³⁷.

¹³² Cf. J. M. CASTILLO, *El seguimiento de Jesús*, 79.

¹³³ Cf. B. FERNÁNDEZ, *Seguir a Jesús, el Cristo*, p. 47.

¹³⁴ Cf. *Ibidem*, p. 48.

¹³⁵ Cf. *Ibidem*, p. 48-49.

¹³⁶ Cf. *Ibidem*, p. 36.

¹³⁷ Cf. B. FERNÁNDEZ, *El Cristo del seguimiento*, p. 178.

2.2. Imitação ou seguimento?

Uma vez que o seguimento leva a uma conformação com Jesus, será correto falar de imitação de Cristo? J.M. Castillo diz que não. Para o autor, o cristão é chamado a seguir, não a imitar. Jesus é quem diz “segue-me” e não “imita-me”. Segundo Castillo, “imitar é copiar um modelo, enquanto que seguir é assumir um destino.”¹³⁸. Na verdade, quem decide seguir Jesus não o imita, porque é uma pessoa diferente com uma personalidade própria e distinta. Ao seguir Jesus, o crente orienta-se para um destino, para o destino de Jesus¹³⁹. Castillo afirma que a “imagem cabal da imitação é o espelho; a imagem exemplar do seguimento é o caminho.”¹⁴⁰ Diz Castillo que na “imitação, o centro de interesse e de atenção é o próprio sujeito, a sua realização, o seu crescimento e o seu progresso.”¹⁴¹. Segundo J.M. Castillo, Jesus quando chama a segui-Lo chama o cristão a “assumir o mesmo destino.”¹⁴². Luigi M. Rulla partilha da mesma opinião que Castillo ao afirmar que a vocação cristã não é um imitar Jesus, mas sim seguir Cristo no caminho da disponibilidade interior para a autodoação de si mesmo por amor, fazendo-se pobre, casto e obediente¹⁴³.

Contrariamente, Bonifacio Fernández afirma:

“Imitar não é reproduzir detalhes nem tirar conclusões de um princípio; não é cumprir uma norma; é entrar no processo existencial de Jesus, das suas experiências, opções, atitudes e valores. Jesus é uma pessoa, fonte de valores e relações. Imitar Jesus é viver como Ele viveu, amar como Ele amou, servir como Ele serviu. É tomar parte no seu projeto e antecipação do reino da vida e da justiça.”¹⁴⁴

Para Fernández, a imitação evangélica é fruto da graça. Como tal leva ao seguimento de Jesus que se identifica connosco para nos podermos identificar com Ele¹⁴⁵. Uma vez que o

¹³⁸ J. M. Castillo, *El seguimiento de Jesús*, p. 50.

¹³⁹ Cf. *Ibidem*, p. 51.

¹⁴⁰ *Ibidem*, p. 51.

¹⁴¹ *Ibidem*, p. 68.

¹⁴² *Ibidem*, p. 55.

¹⁴³ Cf. L.M. RULLA, *Antropologia da vocação cristã*, p. 330.

¹⁴⁴ B. FERNÁNDEZ, *Seguir a Jesús, el Cristo*, p. 38-39.

¹⁴⁵ Cf. *Ibidem*, p. 39.

homem é criado à imagem de Deus, e Jesus é a Imagem de Deus, o cristão, ao seguir Jesus, olha-o como o modelo a seguir e, ao longo do caminho, procura deixar-se conformar por Ele, para se tornar, à sua maneira, outro Cristo. A imitação, para Fernández, não é um imitar os sentimentos e a personalidade de Jesus. A imitação é imitar o estilo de vida messiânico de Jesus, e, deste modo, partilhamos com Ele o seu caminho e o seu destino. Diz Fernández: “Jesus não pretende dos seus discípulos que aprendam e repitam a sua doutrina; Jesus suscita seguidores que continuem o seu estilo messiânico de vida, que continuem o seu caminho e a sua causa.”¹⁴⁶ Segundo Fernández, a imitação passa por olhar as circunstâncias que nos rodeiam e procurar, mediante a personalidade e a singularidade de cada um, fazer o que Jesus faria nessa situação. É um olhar para Cristo como o modelo ao qual nos devemos assemelhar no nosso agir¹⁴⁷.

Apesar de discordarem em relação à imitação de Cristo, ambos concordam em que o cristão é chamado a estar com Jesus e a partilhar a vida com Ele e, conseqüentemente, o seu destino¹⁴⁸. Pode-se, então, dizer que o seguimento pede a imitação e a imitação exige o seguimento de Cristo, na medida em ambas levam à identificação e ao assumir o destino Jesus como seu. A imitação, mais do que um simples copiar a personalidade de Jesus, é olhar para Jesus como o modelo a seguir. Ao seguir Jesus o discípulo procura imitar o modelo do Mestre. Para tal, necessita de uma conversão permanente, de uma mudança de esquemas mentais, precisa de deixar pensar como os homens para pensar como Deus. Esta mudança só é possível mediante a própria liberdade do discípulo que o leva a abdicar da sua vontade, dos seus desejos e ambições para viver segundo a vontade de Deus manifestada em Jesus. Por isso, a imitação é um aspeto importante da obediência. A partir da imitação pode-se compreender a submissão do cristão à vontade de Deus, tal como Jesus a realizou. Sem, no entanto, perder a sua originalidade e personalidade. É pela imitação que o discípulo participa, assume e identifica-se, à sua maneira, com o seu estilo pessoal, com o destino de Jesus. A imitação só se compreende mediante o

¹⁴⁶ *Ibidem*, p. 56.

¹⁴⁷ Cf. *Ibidem*, p. 155.

¹⁴⁸ Cf. *Ibidem*, p. 40; J. M. CASTILLO, *El seguimiento de Jesús*, p. 87-88.

seguimento. Pois é pelo processo de seguimento que o crente se vai convertendo, adere, participa e identifica-se com o destino do Mestre.

Contudo, a imitação não pode pôr em causa a originalidade do discípulo. O cristão não pode pretender ser Jesus, pois ele tem uma cor própria com uma tonalidade própria. Pode sim assumir a mesma cor, mas com a sua tonalidade que lhe é própria. De facto, a experiência que cada seguidor faz de Jesus é diferente, pois cada um experimenta o Amor de Deus, em Cristo, de maneira distinta. Isto deve-se ao facto de que cada discípulo é um ser único e irrepitível, com uma história própria e única. Por isso, é impossível imitar a pessoa de Jesus, pois é um “exemplar” único, tal como cada um de nós.

A imitação do discípulo como diz Fernández: “não consiste em copiar; consiste em continuar o mestre.”¹⁴⁹. Na verdade, cada pessoa tem um chamamento concreto e único. De facto, seguir Cristo é segui-Lo no seu caminho, é estar aberto ao que Ele pede, conformando a própria vida ao estilo de vida de Jesus. É, como já foi dito anteriormente, ser outro Cristo, mas com uma personalidade própria e a partir dela tornar presente Cristo no mundo através do serviço aos homens por Amor a Deus. É um estar continuamente aberto à palavra de Deus que ressoa e chama e que pede uma resposta. É mediante esta resposta que o cristão se vai assemelhando a Cristo e identificando-se e, por conseguinte, assumindo o mesmo destino que o Mestre. Deste modo, retomamos a semelhança perdida pelo pecado tornando-nos, assim, imagem e semelhança de Deus, ou seja, filhos de Deus em Cristo.

Esta resposta tem, por isso, um carácter único e irrepitível pois o chamamento também é único e irrepitível. O discípulo é, pois, aquele que escuta a palavra de Jesus, a guarda no seu coração e a medita pondo-a em prática posteriormente. É o que responde afirmativamente ao chamamento feito por Jesus indo para além das ambições e medos humanos¹⁵⁰. Esta resposta é sempre dada diante de Deus, pois todas as nossas decisões são sempre um sim ou não a Deus¹⁵¹.

¹⁴⁹ B. FERNÁNDEZ, *Jesucristo. Seguimiento y contemplación*, p. 31.

¹⁵⁰ Cf. B. FERNÁNDEZ, *Jesucristo. Seguimiento y contemplación*, p. 30-31.

¹⁵¹ Cf. K. RAHNER, *La Gracia como libertad*, p. 70.

Assim a resposta do cristão vai ter consequências na eternidade pois a liberdade, como diz K. Rahner, “é a faculdade única de criar coisas definitivas, irrevogáveis e eternas”¹⁵². Esta liberdade que faz responder a Deus é dom do próprio Deus¹⁵³. E ao assentir livremente à vontade de Deus, o cristão torna-se livre e vive na liberdade dos filhos de Deus, como diz S. Paulo (cf. Rm 8,15-16. 18; Gal 4,8-7). Este viver na liberdade dos filhos de Deus é fazer a experiência da liberdade que vem pela obediência à vontade de Deus e que se manifesta por Jesus no Espírito. O caminho do discípulo é, pois, o caminho da liberdade e da libertação que se realiza na obediência a Cristo.

¹⁵² *Ibidem*, p. 71.

¹⁵³ Cf. *Ibidem*, p. 75.

Capítulo III

Liberdade e obediência: essência da vida e do compromisso cristão

Todo aquele que decide seguir Jesus no seu caminho fá-lo através do caminho que Jesus escolheu: a obediência. Não uma obediência passiva, uma sujeição a uma força exterior e opressora. É uma obediência que encontra na liberdade o seu fundamento. A vida cristã, por ter a sua origem e fundamento em Cristo, não pode ser vivida sem ser através da liberdade e da obediência. De facto, é na obediência e na liberdade que o cristão permanece fiel ao carisma que Deus lhe deu, à sua vocação pessoal. A vida cristã é um chamamento autêntico e radical que só pode ser vivido em liberdade e em obediência, pois é um chamamento que leva a um compromisso com Deus, com a Igreja e com o mundo.

1. A vida cristã

A vida cristã é uma vida nova que surge pelo chamamento que Cristo faz. Vida essa que começa com o batismo pelo qual recebemos o Espírito Santo e nos tornamos filhos no Filho (Gal 4,5). A vida cristã tem como característica fundamental o facto de ser vida no Espírito. De facto, o cristão é templo e lugar da habitação do Espírito Santo (1 Cor 3,16; 6,19). Esse Espírito que nos é dado é fruto do Ressuscitado e, porque procede do Pai e do Filho, faz-nos viver em íntima comunhão com Deus¹⁵⁴.

Por sermos templos de Deus, o Espírito habita em nós (Rm 9,11). Esta habitação é mais que uma simples presença. É, como dizem alguns autores místicos, inabitação, ou seja, “algo estável, firme e permanente, como expressão da nova aliança de Deus connosco, como consequência da filiação.”¹⁵⁵. Tal inabitação leva a uma saída de si mesmo, dos seus interesses e metas, a superar o tempo cronológico para entrar no tempo de Deus. Leva o cristão a “superar

¹⁵⁴ V. CODINA, «No extingáis el Espíritu». *Una iniciación a la Pneumatología*, Editorial Sal Terrae, Santander, 2008, p. 63.

¹⁵⁵ *Ibidem*, p. 66.

os limites estreitos da humanidade e transformar-se numa pessoa nova configurada com Cristo” e a viver uma vida nova em Cristo, guiada pelo Espírito¹⁵⁶.

A vida cristã, por ser vida no Espírito, leva a uma vida nova cheia de liberdade que nos move para viver a comunhão. A liberdade é “uma abertura à novidade do Espírito, aos carismas, às culturas, religiões e sinais dos tempos”¹⁵⁷. Contudo, podemos perguntar se “na Igreja respeita-se suficientemente a liberdade dos fiéis ou, melhor, se os considera como sujeitos meramente passivos que devem limitar-se a acatar o que desde a instituição se lhes prescreve ou manda.”¹⁵⁸.

É por ser livre, ou seja, filho, que o cristão se compromete com a missão de Cristo, ou seja, a levar a Boa Nova aos pobres, a libertar os oprimidos e a proclamar o ano da graça do Senhor (Lc 4,18-19). Tal compromisso, por ser livre, cria algo de original na sua relação com os outros, pois tem a sua origem na sua relação nova e original com Deus. De facto, a liberdade, por ter a sua origem em Deus que é amor, tem esta capacidade de criar algo de original, própria do amor¹⁵⁹. Por isso, na sua missão, e em toda a sua vida enquanto discípulo, a liberdade é uma dimensão imprescindível. Sem ela, ele não consegue criar uma situação existencial para os que o rodeiam e ainda não são livres. Esta liberdade é uma liberdade perante as instituições, é a liberdade interior que leva o cristão a aceitar a vontade de Deus como sua, como já vimos no capítulo anterior. Sendo o discípulo aquele que procura imitar a vida messiânica de Jesus, não pode viver de outra forma que não seja a partir da sua liberdade interior, do saber-se livre, de não estar comprometido com mais nada que não seja a vontade de Deus, que mais não é do que a salvação do homem, trazendo o homem para junto de si.

Por isso, a vida cristã e o compromisso a que esta leva são marcados pela missão e pelo discernimento. Ambas as realidades estão intimamente unidas. Porque a fé do cristão tem

¹⁵⁶ *Ibidem*, p. 67.

¹⁵⁷ *Ibidem*, p. 69.

¹⁵⁸ *Ibidem*, p. 68.

¹⁵⁹ Cf. E.J. JUSTO DOMÍNGUEZ, *La libertad. De la experiencia al concepto*, Biblioteca de Autores Cristianos, Madrid, 2016, p. 96-97.

necessidade das obras (Tg 3,18-19). Pois é por elas que se comprova a fé. Estas obras são fruto do amor de Deus e para com Deus. Tal amor concretiza-se na entrega do cristão ao serviço do próximo, principalmente do mais necessitado. Deste modo, procura dar a vida que ele próprio recebeu de Cristo. Procura que o próximo tenha uma nova vida, ou seja, alcance a Salvação. Esta é a atitude do cristão porque foi este o modo de proceder de Jesus, que sendo Deus se fez homem e servo de todos. O discernimento, deve, por isso, levar o discípulo a compreender cada vez melhor qual o modo em que Deus quer que ele viva o seu serviço ao próximo. Deve levar o cristão a praticar as obras da luz e não das trevas. Deste modo, o crente vive uma vida em Deus, porque quem o guia é Cristo por ação do Espírito.

1.1. Missão do Cristão

O Espírito leva o cristão ao seguimento de Jesus e, ao segui-Lo, assume também uma missão. A missão que assume não é outra senão a do Mestre. Jesus, quando chama a segui-Lo, chama a ser seu continuador¹⁶⁰, quer que os seus discípulos continuem a sua missão. A missão que o Senhor confia ao seu discípulo é a mesma que confia à Igreja, a de ser luz no e para o mundo. O seguimento de Cristo envolve e implica toda a Igreja e não apenas um grupo. É o seguimento que nos torna irmãos e participantes na mesma missão, porque a fonte é a mesma, Jesus¹⁶¹.

A missão que é conferida ao discípulo não leva a um desenraizamento do cristão da sociedade e dos problemas sociais. Fá-lo, sim, intervir na sociedade procurando que a dignidade humana seja restituída àqueles que a perderam. Leva o cristão a ser um membro ativo na sociedade procurando, tal como o Mestre, levar a libertação ao homem aprisionado quer pela injustiça socioeconómica quer pela falta de amor. Ou seja, leva o cristão a procurar tornar a sociedade mais humana, tornando-a mais solidária¹⁶². É através da sua intervenção na sociedade

¹⁶⁰ Cf. B. FERNÁNDEZ, *Jesucristo. Seguimiento y contemplación*, p. 31.

¹⁶¹ Cf. B. FERNÁNDEZ, *Seguir a Jesús, el Cristo*, p. 42-43.

¹⁶² Cf. *Ibidem*, p. 44-45.

que o cristão realiza o plano salvífico que Deus tem para a humanidade. A missão que o crente assume deriva da fé em Cristo. Como tal, o discípulo de Jesus é chamado a viver no seu trabalho e nas suas atividades conforme a sua fé¹⁶³. Isto é, a olhar para os seus trabalhos e para as suas atividades vendo neles o modo como Deus o chama a agir e a levar o evangelho ao mundo de hoje.

O Concílio Vaticano II alerta para o perigo que advém da separação entre a dimensão do trabalho e a dimensão religiosa. Tal separação pode por em causa a salvação do crente, pois falta às suas obrigações quer com o próximo quer com Deus¹⁶⁴. É, por isso, importante manter sempre o olhar fixo em Jesus, pois é Ele a luz que ilumina o caminho (cf. Jo 8,12) que percorremos, muitas vezes ofuscado pela obscuridade de opiniões que nos desviam do caminho que o Senhor nos chama, da missão que nos confia¹⁶⁵.

De facto, o discípulo é chamado a dar testemunho do Senhor. Esse testemunho é o que dá crédito, ou seja, torna credível a fé do cristão na sociedade. O testemunho parte do conhecimento íntimo que tem do Senhor e gera uma prática¹⁶⁶. Tal prática corrobora, ou não, o testemunho. A prática do cristão deve ser aquela que o Senhor mandou, “que vos ameis uns aos outros assim como eu vos amei. Por isto é que todos conhecerão que sois meus discípulos: se vos amardes uns aos outros.” (Jo 13, 34-35). Na verdade, o discípulo é aquele que ouve a palavra de Deus e a põe em prática (cf. Mt 7, 21-26). Segundo K. Rahner, o testemunho público é necessário por parte do cristão para que o mundo não caia num secularismo sem Deus e sem esperança¹⁶⁷.

Por isso, afirma Karl Rahner, “os cristãos têm a tarefa de impregnar as estruturas da vida secular com a sua esperança escatológica (LG n.35 e GS n.38)”¹⁶⁸. Tal ação é fruto da

¹⁶³ Cf. K. RAHNER, *La Gracia como libertad*, p. 181.

¹⁶⁴ Cf. GS 43 in AAS vol. 58 (1966) p. 1061-1064.

¹⁶⁵ R. SCHNACKENBURG, *La existencia cristiana según el Nuevo Testamento*, vol. 1, Editorial Verbo Divino, Navarra, 1970, p. 134.

¹⁶⁶ Cf. B. FERNÁNDEZ, *Seguir a Jesús, el Cristo*, p. 49-52.

¹⁶⁷ Cf. K. RAHNER, *La Gracia como libertad*, p. 190.

¹⁶⁸ *Ibidem*, p. 184.

liberdade e da graça de Deus que doa à humanidade por amor proporcionando-lhe a possibilidade de um futuro absoluto. Este só é alcançado mediante a ação transformadora das estruturas da vida profana por parte do cristão¹⁶⁹. As estruturas que o cristão é chamado a transformar não são definitivas. Contudo, é através delas que o cristão vai tomando consciência da transitoriedade das coisas do mundo, bem como da sua existência neste mundo¹⁷⁰.

Para que esta transformação seja possível, Deus confere a cada um uma vocação pessoal e, juntamente com ela, dons e carismas para que a possa realizar. Seguir Jesus é saber que Deus fala a cada um através da sua realidade concreta, da sua história pessoal. É preciso olhar para o destino, para a meta de cada um, sob a perspectiva do chamamento de Deus¹⁷¹. É a partir da realização do que Deus pede que o crente começa a compreender a sua vocação, ou seja, é algo que se vai descobrindo à medida que se vai realizando. Diz Manicardi que “a descoberta da vocação não é um momento teórico ou emotivo ou místico que precede a realização, mas acontece em concomitância com a própria realização.”¹⁷².

Por isso, é preciso escutar o Espírito que fala à pessoa concreta e à Igreja. Para tal é necessário estar aberto a Ele e não fechar as suas portas. O Concílio Vaticano II atribui aos que governam a Igreja a missão de não extinguir o Espírito e de discernirem, e ajudarem o crente a discernir, o que Deus lhes pede de modo a guardar o que é proveitoso, não só para o crente, mas para toda a Igreja¹⁷³. Deste modo, se compreende a importância do discernimento na vida cristã. De facto, é através dele que o crente consegue não só compreender melhor qual a sua vocação e missão como, também, o modo de a realizar.

¹⁶⁹ Cf. *Ibidem*, p. 185.

¹⁷⁰ Cf. *Ibidem*, p. 186.

¹⁷¹ R. SCHNACKENBURG, *La existência cristiana según el Nuevo Testamento*, p. 133.

¹⁷² L. MANICARDI, *Viver uma fé adulta. Itinerário para um cristianismo credível*, Paulinas Editora, Lisboa, 2012, p.109.

¹⁷³ Cf. LG 12 in AAS vol. 57 (1965) p. 16-17.

1.2. O discernimento na vida cristã

A vida cristã, por encontrar a sua razão de ser no Espírito que Jesus nos entrega, é movida pelo Espírito. Todo o agir do crente é um agir a partir e no Espírito. Deste modo, torna-se imprescindível o discernimento, de modo a que o discípulo compreenda o que Deus lhe pede, o modo como viver e agir no mundo, ou seja, a compreender qual a sua vocação e missão, na Igreja e no mundo.

José Maria Castillo diz que “o discernimento é um assunto capital para todo o crente. Porque, segundo o novo testamento, o discernimento é o critério que nos dá a medida do espírito e a da prática que devem acompanhar a todo o cristão.”¹⁷⁴. Porque é “o espaço no qual o homem experimenta a relação com Deus como experiência de liberdade e, até mesmo, como possibilidade de se criar.”¹⁷⁵

O discernimento é a arte de falar com Deus. De facto, fazer discernimento consiste em colocarmo-nos diante de Deus tal como somos, reconhecendo as nossas limitações e pecados. Trata-se de colocarmo-nos diante d’Aquele que nos ama e quer escrever uma história de salvação connosco, porque nos ama. É, por assim dizer, fazer a experiência do amor de Deus, que continuamente nos chama para junto de si, para que Ele nos dê a vida e nos torne livres das prisões que impomos a nós próprios. E que nos pede para ser fermento no mundo, de modo a que levemos a luz do Seu amor a todos os que andam perdidos e sem luz.

Diz S. Paulo que no cristão deve haver uma transformação na mentalidade para melhor compreender o que é agradável a Deus (cf. Rm 12,2). Esta transformação exige ao cristão ir para além dos seus critérios humanos de julgar e conhecer. É preciso que utilize os critérios de Deus. E os critérios de Deus resumem-se a um: o amor. Um amor que se expressa na misericórdia. Por isso, o discernimento é fruto da experiência do amor, e não de ideias. A sua origem está na experiência de Deus na vida concreta. É a experiência do amor que transforma

¹⁷⁴ J.M. CASTILLO, *El discernimento cristiano*, Ediciones Sígueme, Salamanca, 2007, 6ª edição, p. 54.

¹⁷⁵ M.I. RUPNIK, *O discernimento. Da purificação à comunhão*, Paulinas Editora, Prior Velho, 2014, 2ª edição, p. 16.

a vida e a orienta para buscar sempre o que é o melhor, o que é agradável Àquele a quem se ama, e que nos amou primeiro¹⁷⁶. Apesar de ter a sua origem no amor de Deus e a ele se dirigir, a experiência do amor concretiza-se no amor ao próximo¹⁷⁷. João, na sua primeira carta, afirma que só ama a Deus quem ama o seu irmão (1 Jo 4,20). O discernimento tem, por isso, um papel importante. É através dele que o crente procura saber o que deve ser ou não, ou seja, o modo como Deus pede que expresse o seu amor a Ele na sua entrega aos irmãos.

Deste modo, compreende que o discernimento é muito mais do que alcançar um conhecimento de Deus. É penetrar no mais íntimo de Deus, é um colocar-se diante de Deus como é verdadeiramente, sem disfarces. Porque se sabe amado por Deus, coloca-se diante de Deus como um filho que escuta o que o Pai tem para lhe dizer para que ele alcance a plenitude da vida. Tal discernimento, porque feito numa relação de amor, leva o filho a realizar o que o pai lhe pede. É esta a atitude de Jesus. Ele vive num constante discernimento do que o Pai lhe pede. E esta deve ser a atitude cristã, procurar escutar sempre a vontade de Deus e colocá-la em prática.

O discernimento é, por isso, um estar continuamente atento aos “movimentos interiores (consolações, luzes, desejos, etc.) são os sinais da vida teologal encarnada e, como tal, são sinais da vontade de Deus.”¹⁷⁸. Estes movimentos interiores do Espírito são perceptíveis a partir dos pensamentos e dos sentimentos. A interação entre ambos “é importante, porque permite ver o estado de adesão pessoal a Deus ou às realidades que me iludem e me afastam realmente de Deus.”¹⁷⁹. Diz Rupnik que “Deus não age no homem como um ser estranho, introduzindo nele realidades que não lhe são próprias.”¹⁸⁰. Os sentimentos e pensamentos são algo próprio da pessoa e que Deus utiliza para comunicar com ela. Os sentimentos são o modo do amor se expressar, e os pensamentos são influenciados por esse mesmo amor que faz mover

¹⁷⁶ Cf. J.M. CASTILLO, *El discernimento cristiano*, p. 92.

¹⁷⁷ Cf. *Ibidem*, p. 93.

¹⁷⁸ J. GARRIDO, *Proceso humano y Gracia de Dios. Apuntes de espiritualidade cristiana*, Editorial Sal Terrae, Santander, 1996, 2ª edição, p. 336.

¹⁷⁹ Cf. M.I. RUPNIK, *O discernimento*, p. 36.

¹⁸⁰ *Ibidem*, p. 33.

as entranhas da pessoa. O espírito, por ser amor, conduz o cristão ao amor. A um amor verdadeiro procurando fazer o que agrada àquele que ama. Assim, o amor deve estar retamente orientado. Para tal é necessário um profundo e íntimo discernimento diante d'Aquele que nos chama ao seu amor¹⁸¹. Só assim se concretiza a lei do amor.

Contudo, no discernimento há o grande perigo de o cristão se enganar e confundir a vontade de Deus com a sua própria vontade. O engano no discernimento aparece quando o crente coloca o seu conhecimento em primeiro lugar, fechando-se à ação do Espírito que o ilumina e faz conhecer a vontade de Deus. Ocorre, também, por ação do diabo, que procura afastar o crente do que é agradável a Deus, disfarçando-se de anjo da luz (2 Cor 11,15), para que o cristão se desvie do bom caminho¹⁸². O discernimento é importante porque ajuda o crente a precaver-se do engano. Afirma Rupnik:

“O discernimento protege-nos dos mais variados desvios, seja dos fundamentalismos, seja dos fanatismos, exatamente porque nos faz perceber que mais importante do que aquilo que possamos decidir é que façamos as coisas na livre adesão a Deus, sintonizando-nos com a sua vontade.”¹⁸³

Devido ao perigo de engano o crente tem a necessidade de alguém que o ajude a fazer o discernimento. O discernimento é, por isso, um processo que necessita ser acompanhado. De outro modo corre-se o risco de cada um buscar compreender apenas o que quer e o que gosta como sendo a vontade de Deus. O acompanhamento espiritual no discernimento é uma ajuda para quem o faz. Pois ajuda a melhor compreender as moções do Espírito, ajuda a pessoa a compreender melhor o que Deus lhe pede, sem cair no perigo de se tornar autossuficiente¹⁸⁴. Tal acompanhamento espiritual é feito dentro da comunidade eclesial, porque é a Igreja que

¹⁸¹ Cf. J.M. CASTILLO, *El discernimento cristiano*, p. 48.

¹⁸² Cf. *Ibidem*, p. 108-109.

¹⁸³ M.I. RUPNIK, *O discernimento*, p. 27.

¹⁸⁴ Cf. J.M. CASTILLO, *El discernimento cristiano*, p. 41-42.

realiza o discernimento de Cristo. A pessoa, ao aderir a Cristo, fá-lo através de uma opção concreta que a faz realizar a sua história com o tecido da Igreja¹⁸⁵.

Para saber se o discernimento é verdadeiro ou falso é preciso recorrer também aos frutos que gera. Os frutos que gera são a fé, como intimidade com Deus e desejo de fazer a sua vontade; a esperança, que faz viver a vida ancorada em Deus e no seu amor; e a caridade, no amar o próximo e deixar-me tocar por ele. O próprio Jesus diz que é pelos frutos que se reconhece se a árvore é boa ou má (cf. Mt 7,16-20;12,33; Lc 6,43-44). Tiago na sua carta alerta para a importância das obras na comprovação da fé (cf. Tg 3,18). Tais obras são fruto do amor de Deus e para com Deus. O amor concretiza-se na entrega do cristão ao serviço do próximo, principalmente dos mais necessitados. Deste modo, procura dar a vida que ele próprio recebeu de Cristo. Procura que o próximo tenha uma nova vida, ou seja, alcance a Salvação. Esta é a postura do cristão porque foi este o modo de proceder de Jesus, que sendo Deus se fez homem e servo de todos. O discernimento, deve, por isso, levar o discípulo a compreender cada vez melhor qual o modo que Deus quer que ele viva o seu serviço ao próximo. Deve levar o cristão a praticar as obras da luz e não das trevas. Deste modo, o crente vive uma vida em Deus, porque quem o guia é Cristo por ação do Espírito.

É, portanto, no agir do cristão que se vai comprovar se o discernimento é verdadeiro ou não, se o crente está a realizar a vontade de Deus ou não. Por isso, toda a vida do discípulo de Jesus deve ser vida no e do Espírito, todo o seu agir é um agir do Espírito no cristão. O próprio Espírito concede dons a cada pessoa, concede carismas, e são estes dons/carismas que é preciso discernir. Como são dons do Espírito tendem à edificação da comunidade e não à sua destruição. Por isso, no discernimento o que se procura, no fundo, é discernir o que constrói e edifica a comunidade. Uma vez que os carismas são dados pelo Espírito não para proveito próprio, mas para a edificação da comunidade. Tudo o que leva à destruição da comunidade não é dom do Espírito¹⁸⁶.

¹⁸⁵ Cf. M.I. RUPNIK, *O discernimento*, p. 31.

¹⁸⁶ Cf. J.M. CASTILLO, *El discernimento cristiano*, p. 38.

O discernimento é, pois, a arte pela qual aprendo a escutar Deus nas realidades concretas da vida, onde Deus comunica o seu amor por cada um. É a arte de saber “decifrar e ler as realidades de modo verdadeiro, superando as miragens que elas me possam apresentar.”¹⁸⁷. É a arte pela qual aprendo a escutar Deus que me fala e me envia com uma missão específica e que me dota com carismas e dons que auxiliam a realizá-la. O discernimento é o modo, o processo, pelo qual o cristão vai compreendendo, na sua história pessoal o que Deus quer, qual a sua vocação específica dentro da Igreja e no mundo. O discernimento é o termostato que mede a autenticidade da vida cristã de uma pessoa a partir da sua capacidade para discernir em cada momento e situação o que Deus quer¹⁸⁸.

O discernimento, na verdade, é olhar para a realização das obras não com os olhos da lógica do homem, mas com os olhos da lógica de Deus, ou seja, com um olhar de amor. É o amor o grande critério para discernir a vontade de Deus. O que Deus pede é que amemos o próximo. Contudo, é preciso também discernir as motivações. Por isso, o discernimento é importante pois ajuda a purificar as motivações, se são fruto da ação do Espírito em nós ou se são uma forma de colmatar alguma necessidade psicoafectiva. O papel do discernimento é, pois, olhar para a obra que o cristão realiza e “ver” qual a sua origem. Aquele que tem uma relação profunda e íntima com Deus vai compreendendo, com a ajuda do orientador espiritual, a sua própria vocação, a missão a que Deus o chama e o seu carisma pessoal. Uma vez que essa vocação se vai tornando mais compreensível à medida que se vai realizando, vai-se tornando perceptível a sua origem. Se vem de Deus o crente não tem medo, pois sabe que acima de tudo está a vontade de Deus e por isso não impõe a sua vontade, mas ela é corroborada pela autoridade. Se a origem é a vontade própria a pessoa não aceita com bons olhos outra coisa que não seja a sua própria vontade¹⁸⁹.

¹⁸⁷ M.I. RUPNIK, *O discernimento*, p. 25.

¹⁸⁸ Cf. J.M. CASTILLO, *El discernimento cristiano*, p. 55.

¹⁸⁹ Cf. J. GARRIDO, *Proceso humano y Gracia de Dios*, p. 338-343.

2. Liberdade e Obediência: essência da vida cristã

A vida cristã tem o seu edifício construído sobre a rocha que é Cristo (cf. Lc 6,47-48; Mt 7,24) e os alicerces que a sustentam são a liberdade e a obediência. É através desses alicerces que Cristo vai agindo e edificando a vida do cristão pela ação do Espírito. Na verdade, o obediente é aquele que escuta a voz do Senhor que lhe fala e, deixando que a palavra penetre na sua vida, sente-se impelido a dar uma resposta. Na Igreja, muitas vezes, confunde-se a obediência com um mero ato de submissão passiva. O que é errado. De facto, a obediência é uma dimensão muito mais profunda que a submissão passiva. É a capacidade que o homem tem de, na sua liberdade, abrir-se a Deus, que vem ao seu encontro e o chama, e dar-lhe uma resposta como um ato de amor. Uma má compreensão da liberdade leva a uma compreensão deturpada da obediência.

A vida cristã, por ser vivida a partir do Espírito, tem necessariamente de levar consigo a dimensão da liberdade e da obediência. Isto porque o Espírito dado por Cristo conduz à liberdade e torna o coração do crente dócil à vontade de Deus. Jesus, como vimos anteriormente, foi um homem completamente livre e obediente. A nossa salvação vem do facto de Jesus ser livre e, na sua liberdade, ter obedecido à vontade do Pai. Por isso, o cristão, como discípulo de Jesus, não pode prescindir da liberdade nem da obediência. Pois como são duas dimensões estruturantes de Jesus, são duas dimensões da vida cristã.

Por isso, é importante compreender em que consiste a liberdade e a obediência cristãs. Para, assim, compreendermos melhor a sua importância na vida do discípulo de Cristo.

2.1. A liberdade cristã

A liberdade cristã tem o seu núcleo fundante em Cristo. É uma liberdade que só se compreende a partir da de Cristo. A liberdade que o cristão é chamado a viver é fruto do Espírito que recebe. É aquele Espírito, como diz S. Paulo, que nos faz passar da condição de escravos à

condição de filhos e, por isso, podemos viver na liberdade dos filhos de Deus (cf. Rm 8,15-16. 18; Gal 4,8-7), porque é o Espírito que nos liberta e nos torna filhos em Cristo.

O cristão é chamado a viver a liberdade (cf. Gal 5,1). A liberdade que o cristão é chamado a viver é uma liberdade diante do ego. É no colocar Jesus no centro da nossa realização que nos tornamos verdadeiramente livres, ao ponto de dar a nossa vida pelos outros. De contrário, nunca seremos verdadeiramente livres, pois a liberdade que vivemos é uma liberdade escrava dos desejos e ambições do próprio ego¹⁹⁰. De facto, quem se consegue libertar do seu próprio ego e aceita Cristo como aquele em quem subsiste e aquele que lhe dá a vida e um sentido à sua própria existência, encontra o seu “eu” mais profundo, aquele “eu” que Deus sonhou quando o criou. É nesse encontro profundo comigo que descubro Cristo em mim, descubro que Ele é quem vive em mim e eu posso viver n’Ele. Esta vivência em Cristo leva a que a pessoa se torne dona de si mesma, livre de qualquer corrente que a aprisione porque vive em Cristo e Cristo vive nela. Cristo habita na pessoa através do Espírito Santo, Aquele que liberta a pessoa da sua pequenez e lhe abre a porta para a sua realização em Deus, Pai, Filho e Espírito Santo¹⁹¹.

A liberdade é, por isso, a capacidade que a pessoa tem de se tornar mais pessoa. Para Jutta Burggraf, o cristão, por viver em Cristo e Cristo nele, não perde a sua identidade, mas descobre-se profundamente marcado pelo mistério do amor¹⁹². Para K. Rahner, a autorrealização da pessoa só é possível através do amor. Pois só o amor a Deus pode abarcar tudo. É o amor que permite ao homem esquecer-se de si próprio, que o liberta da escuridão do seu passado que o aprisiona¹⁹³.

O amor é, sem dúvida, o grande motor da vida cristã. Não poderia ser de outra maneira. Porque foi por amor que Jesus encarnou, morreu e Ressuscitou. E o Espírito que nos dá é o

¹⁹⁰ Cf. A. NOLAN, *Jesús, hoy. Una espiritualidade de libertad radical*, Editorial Sal Terrae, Santander, 2011, 7ª edição, p. 233-236.

¹⁹¹ Cf. R. GUARDINI, *Liberdade, Graça e Destino*, Editorial Aster, Lisboa, 1958, p. 63-64.

¹⁹² Cf. J. BURGGRAF, *A Liberdade vivida com a força da fé*, p. 43.

¹⁹³ Cf. K. RAHNER, *La Gracia como libertad*, p. 54-55.

amor. Por esse motivo, a liberdade cristã é uma liberdade para o amor. Não um amor próprio e egoísta, mas um amor abnegado e, por isso, capaz de, na sua liberdade, se entregar aos outros. Guardini diz que Deus é aprisionado pela própria pessoa no seu amor próprio e que só quando faz a experiência de Deus na sua vida se consegue libertar. Libertação que é provocada pelo próprio Deus¹⁹⁴. Porque só quando o homem se abre a Deus, afirmando e assumindo em si a liberdade de Deus é que se liberta das pretensões mundanas de absoluto e se torna livre e, por isso, capaz de se comprometer com o mundo¹⁹⁵. Tal compromisso com o mundo é fruto do amor. Na sua liberdade, o cristão deve-se fazer servo dos outros por amor (cf. Gal 5,13). O agir cristão é, portanto, um agir que só se compreende a partir do amor, conseqüentemente da liberdade, e não apenas a partir do cumprimento de normas impostas por Deus. É o amor e a liberdade que caracterizam o agir cristão¹⁹⁶. Jutta Burggraf diz que “amar é dar algo de nós mesmos, daquilo que somos e de quem somos”¹⁹⁷, porque o amor a Deus não implica deixar de amar a humanidade, antes pelo contrário, é uma exigência sua. E só quem é verdadeiramente livre pode amar a humanidade. Porque, diz João Paulo II na encíclica *Redentor Hominis*, a liberdade “só é um grande dom, apenas quando dela sabemos usar conscientemente, para tudo aquilo que é o verdadeiro bem. Cristo ensina que o melhor uso da liberdade é a caridade, que se realiza no dom e no serviço.”¹⁹⁸.

A doação e o serviço, fruto da caridade movida pela liberdade, leva a que o cristão se confronte com as instituições sociais. Instituições essas que procuram regular a sociedade para que seja possível viver em sociedade, para que ninguém fique prejudicado. Contudo, estas instituições condicionam a própria liberdade. Tais condicionamentos, apesar de condicionarem a liberdade, não deixam de ser importantes para que haja liberdade, pois a pessoa é um ser relacional, relaciona-se com o outro, com o mundo, consigo e com Deus. É na sua relação com

¹⁹⁴ Cf. R. GUARDINI, *Liberdade, Graça e Destino*, p. 60.

¹⁹⁵ Cf. W. KASPER, *Jesús, el Cristo*, p. 314.

¹⁹⁶ Cf. K. RAHNER, *La Gracia como libertad*, p. 56.

¹⁹⁷ J. BURGGRAF, *A Liberdade vivida com a força da fé*, p. 82.

¹⁹⁸ JOÃO PAULO II, *Redentor Hominis*, 21, in AAS vol. 71 (1979) p. 320.

o outro que se concretiza a sua liberdade. Na sua liberdade ele abre caminho para que o outro tenha lugar quer na sua vida quer no seu mundo. Assim sendo, pode-se dizer que a liberdade se concretiza na solidariedade. A solidariedade faz com que todos sejamos responsáveis uns pelos outros, neste caso, pela liberdade uns dos outros¹⁹⁹.

Este confronto com as instituições é algo que é, não diria natural, mas necessário. Na verdade, a necessidade deste confronto advém do modo de proceder de Jesus, que sendo um homem completamente livre, respeitava toda a pessoa, respeitava a liberdade da pessoa. É a sua liberdade que o leva a confrontar-se com as instituições do seu tempo, não por mero capricho, mas porque o cumprimento da vontade do Pai e o facto de estas não se converterem levou a isso. É possível ver que Jesus olha para além da lei, pois Ele leva-a à sua perfeição (cf. Mt 5,17). Ele não teve medo das consequências dos seus atos, pois em primeiro lugar estava a vontade de Deus e as necessidades do homem²⁰⁰. O que move Jesus deve ser o que move o cristão: a pessoa na sua totalidade. Para agir deste modo concreto é preciso uma confiança total em Deus, uma entrega total a Deus. É preciso amar a Deus com todo o nosso ser, pois só o “amar a Deus faz com que nos tornemos interiormente livres por dentro e que amemos o mundo como Ele o amou”²⁰¹.

Todavia, é preciso ter em conta que as leis dadas pelas instituições sociais não são uma negação à liberdade, mas um meio para que seja possível vivermos em sociedade. O discípulo de Jesus, por viver numa sociedade, deve ter presente essas leis e essas normas que a organizam na hora de fazer o discernimento, pois elas ajudam a não prejudicar o próximo. Porém, a última palavra não cabe à norma, mas ao Espírito Santo que nos ajuda a descobrir o que agrada ao Senhor²⁰². A liberdade tem, por isso, necessidade de uma consciência bem formada. É a consciência que garante que as decisões e as opções, enfim, o agir do cristão não é fruto de

¹⁹⁹ Cf. W. KASPER, *Jesús, el Cristo*, p. 326-327.

²⁰⁰ Cf. C. NAGLE, The freedom of the Children of God, in *The Australasian Catholic Record*, Vol. 93 Jan. 2016, Issue 1, p. 18-19.

²⁰¹ Cf. J. BURGGRAF, *A Liberdade vivida com a força da fé*, p. 79.

²⁰² Cf. J.M. CASTILLO, *El discernimento cristiano*, p. 102-103.

imposições exteriores, mas que brota do mais íntimo da pessoa²⁰³. Porque, diz Vítor Coutinho, “no agir em consciência está em causa a pessoa no seu núcleo mais irreduzível, com a dignidade inalienável em cada ser humano, e a sua própria relação com Deus.”²⁰⁴. Não seguir a consciência é um atentado contra a própria pessoa. Está a ir contra o que lhe é mais próprio. A liberdade de consciência deve ser exercida, pois é um direito da pessoa. Contudo, o seu uso não deve ser sem limites e sem ter em consideração os direitos dos outros²⁰⁵. O cristão, como ser livre, deve pugnar para que haja uma igualdade na liberdade, ou seja, que no âmbito da liberdade todos gozem do mesmo espaço para que se possam realizar, pois caso não exista o mesmo espaço seria um atentado contra pessoa e a sua liberdade²⁰⁶. Esta é a grande luta, se assim se pode dizer, que o cristão é chamado a travar. Em questão está a pessoa, a sua realização plena que muitas vezes fica subjugada a poderes exteriores e não consegue decidir por si. Há como que uma imposição à decisão pessoal e livre. Imposições essas que revelam o medo de assumir as responsabilidades que a própria liberdade apresenta²⁰⁷. A liberdade cristã é uma consequência do seguimento de Cristo, é uma chamada à responsabilidade do cristão diante da sociedade e da Igreja. O discípulo de Jesus não pode ficar indiferente à situação existencial do mundo que o rodeia.

A liberdade cristã, ainda que imperfeita, é já uma realidade neste mundo, nesta fase da vida. É imperfeita porque o ser humano é imperfeito. Contudo, é progressiva e vai-se aperfeiçoando até alcançar a plenitude no fim dos tempos. Nesse momento, há de se realizar autenticamente, pois tudo será levado à plenitude por Cristo e o cristão há de se libertar e com ele toda a criação²⁰⁸. Porém, esta liberdade está constantemente ameaçada pelo pecado. O pecado existe quando o cristão se fecha em si próprio, no seu amor próprio, não se abrindo ao

²⁰³Cf. V. COUTINHO, *Consciência e Liberdade à Luz da doutrina do Concílio Vaticano II*, p. 157.

²⁰⁴ *Ibidem*, p. 161.

²⁰⁵ Cf. *Ibidem*, p. 161.

²⁰⁶ Cf. K. RAHNER, *La Gracia como libertad*, p. 81.

²⁰⁷ Cf. E.J. JUSTO DOMÍNGUEZ, *La libertad*, p. 5.

²⁰⁸ Cf. R. GUARDINI, *Liberdade, Graça e Destino*, p. 68.

amor de Deus e a Deus. É um amor que recusa ser um amor maior até deixar de ser amor²⁰⁹. É um não se comprometer com as realidades terrenas, nas suas muitas formas que o cristão tem de estar no mundo.

Por isso, a liberdade cristã, quando vivida verdadeiramente, leva o cristão a viver num autêntico despojamento perante o mundo. É uma liberdade que o leva a abandonar-se completamente nas mãos de Deus por amor. É fazer depender toda a sua vida de Deus. Tal despojamento só é possível a quem é verdadeiramente livre. Porque, diz acertadamente Jutta Burggraf, “só quem é verdadeiramente dono dos seus atos pode entregar este domínio a outro e cultivar esta decisão para sempre”²¹⁰. É nesta relação íntima com Cristo que o cristão, vivendo a liberdade, vai deixando atuar o Espírito.

Contudo, a própria liberdade leva à vivência da obediência. É como que uma exigência sua. Por que a liberdade cristã não é libertinagem, não se rege por impulsos, mas é guiada pelo Espírito. O próprio Espírito exige a obediência, não como uma imposição, mas como uma adesão livre e pessoal a Ele, e por Ele à vontade que o Pai manifesta por meio de Cristo.

2.2. A obediência cristã

A obediência é, a par com a liberdade, outro pilar fundamental da vida cristã. Como já vimos no capítulo anterior, a obediência cristã mais do que um obedecer passivo, é escutar o Deus que fala ao coração do homem. Cantalamesa diz que a obediência é um dom e uma graça²¹¹. É um dom e uma graça, porque é algo que nos é dado no batismo e que nos faz estar totalmente disponíveis para amar o Senhor nos irmãos. Permitindo, deste modo, estar na intimidade com Deus.

O cristão é obediente porque, pelo batismo, participa na obediência de Cristo. Obediência essa que nos libertou da escravidão do pecado. Por isso, o cristão é obediente em

²⁰⁹ Cf. K. RAHNER, *La Gracia como libertad*, p. 56.

²¹⁰ J. BURGGRAF, *A Liberdade vivida com a força da fé*, p. 80-81.

²¹¹ Cf. R. CANTALAMESA, *Obediência*, p. 34.

Cristo e a Cristo, para que possa participar na liberdade própria dos filhos de Deus²¹². Para o cristão ser obediente não deve ser uma imposição exterior, mas deve partir de si, da sua liberdade interior. De facto, só pode ser obediente quem for verdadeiramente livre. Porque sem a liberdade a obediência torna-se escravidão. A obediência exige uma intimidade profunda e deve ser sempre aberta a um diálogo entre um pai e um filho, que procuram em conjunto, em comunhão, o que é melhor para a família. Por isso, na Igreja é preciso ter cuidado com a forma como se exerce a autoridade. A autoridade ao estilo de Jesus, é uma autoridade que se exerce a partir da caridade, da misericórdia e do serviço.

Luciano Manicardi diz que se se corta a obediência da vida cristã, esta perde todo o seu sentido²¹³. Perde o seu sentido por que foi pela obediência de Cristo que fomos salvos e é pela obediência a Cristo que nos salvamos (cf. Hb 5,9). É a Cristo que devemos obedecer porque “a sua vida e a sua palavra são a forma concreta que tomou para nós a vontade viva de Deus”²¹⁴. Obedecer a Cristo é obedecer ao Pai. A obediência é, pois, um abrir o coração a Deus, deixando que Ele o vá moldando pela ação do Espírito Santo. Tal atitude não é fácil, porque exige que o cristão morra todos os dias um pouco para si, para a sua vontade própria para que a sua vontade seja a vontade de Deus. Para Albert Nolan fazer a vontade de Deus passa pelo “sacrifício” do ego para fazer o que é melhor, não só para um, mas para todos. Deste modo, a opção por fazer a vontade de Deus é um ato de liberdade, pois liberta o homem do seu ego e do seu querer egoísta tornando-o livre para colaborar na obra de Deus, pois na sua liberdade deixa que Deus trabalhe nele. Deste modo, o cristão torna-se coartífice da obra de Deus²¹⁵.

A obediência que o cristão é chamado a viver passa por dois polos, não necessariamente opostos, que são: a obediência à consciência e a obediência à autoridade. Em ambas se manifesta a vontade de Deus a partir de Cristo, e o crente é chamado a obedecer às duas. O problema, que muitas vezes surge, é quando ambas entram em choque. Nessa situação

²¹² Cf. *Ibidem*, p. 30-31.

²¹³ Cf. L. MANICARDI, *Viver uma fé adulta*, p. 138.

²¹⁴ R. CANTALAMESA, *Obediência*, p. 58.

²¹⁵ Cf. A. NOLAN, *Jesús, hoy*, p. 240-246.

de conflito, o cristão é chamado a tomar uma decisão. Para isso é preciso ser resoluto. Manicardi afirma que a “resolução é o espaço interior em que se guarda a relação com o Senhor, em que a minha liberdade e o meu desejo acolhem e assumem a vontade do Senhor; é o espaço em que os eventos da vida, também e sobretudo os contraditórios, são assumidos na fé.”²¹⁶. Para tal é necessário o discernimento, como vimos anteriormente. A resolução, a decisão, segundo Manicardi, só é possível a quem é verdadeiramente livre, porque só quem é verdadeiramente livre “sabe discernir no chamamento do Senhor não uma imposição ou um dever a cumprir, mas uma oferta de liberdade feita com amor”²¹⁷. A resolução é necessária para carregar todas os dias a cruz no seguimento de Jesus²¹⁸. A obediência, pode ser uma cruz, quando a vontade do Senhor é contrária à nossa e nos custa pô-la em prática. Por isso, é importante saber viver a obediência, vivê-la com espírito de amor e de doação aos outros por amor a Deus.

Uma vez que a obediência à consciência e à autoridade é importante na compreensão da obediência do cristão, é essencial compreender em que consiste quer uma quer outra, e o porquê da sua importância para melhor resolver os conflitos entre ambas.

2.2.1 A obediência à consciência

A obediência à consciência deve-se ao facto de ser o primeiro dos vigários de Cristo²¹⁹. Joseph Ratzinger afirma que “acima do Papa [...] está a própria consciência, à qual há que obedecer em primeiro lugar, em caso de necessidade mesmo contra as exigências das instâncias eclesiais”²²⁰. Esta afirmação de Ratzinger só é compreensível à luz do que diz o Concílio Vaticano II, de que a consciência é lugar onde a pessoa se encontra a sós com Deus²²¹. De facto, o cristão deve agir conforme lhe ordena a consciência, pois é nela que Deus expressa a sua

²¹⁶ L. MANICARDI, *Viver uma fé adulta*, p. 121.

²¹⁷ Cf. *Ibidem*, p. 122.

²¹⁸ Cf. *Ibidem*, p. 123.

²¹⁹ Cf. CIC n.1778

²²⁰ J. RATZINGER, *Kommentar zum Konsilstext Gaudium et Spes*, in *LThK. Das 2. Vatikanische Konzil, Teil III*, Herder, Freiburg, 1968, p.328-331, p. 329, cit in V. COUTINHO, *Consciência e Liberdade à Luz da doutrina do Concílio Vaticano II*, p. 161.

²²¹ Cf. GS 16 in AAS vol. 58 p 1037.

vontade, iluminando os pensamentos, os sentimentos e a inteligência da pessoa²²². Jutta Burggraf diz que “só atuando assim o homem se reunirá com Deus e aos planos que Ele tem sobre a sua vida.”²²³.

Por isso, é importantíssimo formar a consciência. De outro modo, ela ficaria deformada, ou seja, ficaria uma consciência superficial ou escrupulosa. A formação da consciência consiste em encontrar a verdade²²⁴. O discernimento é um meio importante para formar a consciência. É através do discernimento que o crente compreende o que é agradável a Deus. Por isso, o critério decisivo para a formação da consciência há-de ser o amor e o respeito pelo próximo²²⁵. O que Deus pede, o que lhe é agradável, é que nos amemos uns aos outros e busquemos o bem do próximo.

José Maria Castillo afirma:

“[É preciso] compreender que a consciência não é a *voz do eu*, que mediante um juízo racional e especulativo dita o que deve ser a sua relação com Deus e com o homem, mas que é a *voz do Espírito*, que ressoa no mais íntimo da pessoa e a conduz, em cada momento, a descobrir as exigências concretas do amor de Deus e do próximo.”²²⁶

Sendo a consciência a voz do Espírito que ressoa no íntimo da pessoa, é através dela que Deus nos comunica a sua vontade. Obedecer à consciência é obedecer a Deus que chama e pede algo. É importante ter uma consciência formada, ou seja, orientada para o bem e para a justiça, enfim para a verdade. Para tal é necessária a liberdade interior, como já vimos anteriormente, para nos abandonarmos nas mãos de Deus. O que se realça na vida dos grandes santos da Igreja, são sobretudo dois aspetos: a sua liberdade interior e a sua obediência à consciência. Se olharmos para a vida de cada um deles, a sua liberdade interior provém da sua

²²² Cf. J. BURGGRAF, *A Liberdade vivida com a força da fé*, p. 93-94.

²²³ *Ibidem*, p. 94.

²²⁴ Cf. *Ibidem*, p. 97.

²²⁵ Cf. J.M. CASTILLO, *El discernimento cristiano*, p. 99-101.

²²⁶ *Ibidem*, p. 82.

profunda união com Deus²²⁷. Eles estavam totalmente submersos em Deus, pois dispuseram-se a fazer o que Deus lhes pedia, tendo algumas dificuldades com a hierarquia.

A obediência à consciência leva a esta profunda unidade com Deus. É através da consciência, onde se revela a lei de Deus, que nos leva a fazer o bem e a evitar o mal. Uma vez que a obediência, mais que uma submissão, como já foi dito anteriormente, é um escutar atentamente, o cristão é chamado a escutar a voz da sua consciência, onde Deus lhe fala através dela. O discernimento é, por isso, importante para compreender se é a voz de Deus que ouço ou se é a minha própria voz. No fundo, o jogo da liberdade e da vontade joga-se na consciência. E uma pessoa só é livre quando age por si, age em consciência e responde aos seus atos a partir da consciência. A vontade da pessoa também se expressa na consciência. É na sua liberdade pessoal que o cristão é chamado a fazer sua vontade de Deus.

Obedecer a Deus, obedecendo à consciência, não é fácil. Porque Deus pode pedir uma coisa que seja difícil, e que sabemos que devemos realizá-la, contudo, por medo ou por pressão, não a realizamos. A consciência pode pedir, em determinadas alturas que obedecemos à autoridade, mas por capricho, em nome de uma liberdade pessoal, não obedecemos. Nesse momento não estamos a ser livres, mas escravos. Porque não obedecemos à consciência que nos pede para fazer o que o “superior” pede. Porém, também há situações em que a própria consciência nos diz que o que o “superior” pede não é a vontade de Deus para si, neste momento. Neste caso, a pessoa deve negar a ordem do “superior” e, deste modo, a sua decisão é livre porque é conforme à consciência²²⁸.

2.2.2 A obediência à autoridade

A obediência à autoridade na Igreja não deve ser fruto de uma imposição, mas sim fruto de uma relação profunda e íntima entre quem exerce a autoridade e quem lhe está confiado.

²²⁷ Cf. J. BURGGRAF, *A Liberdade vivida com a força da fé*, p. 99.

²²⁸ Cf. R. GUARDINI, *Liberdade, Graça e Destino*, p. 71; cf. J.M. CASTILLO, *El discernimento cristiano*, p. 27.

Se a autoridade for imposta nunca existirá uma verdadeira obediência. A obediência para ser obediência nunca pode prescindir da liberdade²²⁹. Só se consegue compreender a obediência à autoridade a partir da relação existente entre superior – bispo, presbítero, diácono, superior (a), abade, abadessa, madre – e quem lhe é confiado. Se for uma obediência imposta, sem espaço para a liberdade, que pede uma submissão passiva, pode-se considerar que é uma relação entre um senhor e o escravo. Na qual, o senhor ordena e o escravo cumpre. Contudo, na vida da Igreja não deve, ou não deveria, ser assim.

A obediência à autoridade deve-se compreender a partir da Trindade e das relações que nela existem. É na relação entre o Pai e o Filho no Espírito Santo que está o fundamento da obediência à autoridade. É na relação de amor recíproco e na abertura que se deve dar a relação entre o superior e quem lhe está confiado. Procurando o superior conhecer e compreender as suas ovelhas como o Bom Pastor (cf. Jo 10,14). Deste modo, quando ambas as partes se encontram para dialogar há uma abertura ao que o outro tem para propor, há um reconhecimento no responsável da figura de Cristo.

O problema de obedecer à autoridade, neste caso eclesiástica, está no modo como a pessoa que possui tal poder o exerce. A autoridade muitas vezes em vez de ser exercida como um serviço à comunidade, é exercida como um poder sobre a comunidade. Tal forma de exercer a autoridade leva a que o fiel ponha em causa a autoridade da Igreja. Isto porque não reconhece naquele que exerce a autoridade a pessoa de Cristo. O próprio Jesus mostrou como deve ser o modo de exercer a autoridade na Igreja. A autoridade deve ser exercida a partir do serviço por amor a Deus e ao próximo.

Tal como o pastor deve olhar para o seu rebanho com um olhar de pai, o fiel deve olhar para o pastor e procurar reconhecer nele a pessoa de Cristo. Todavia, deve ter sempre presente que é humano e, como tal, não é perfeito e pode errar. Por isso, quando um membro da hierarquia decide alguma coisa, não deve ser atribuída tal decisão a Deus, mas à pessoa que a

²²⁹ Cf. *Ibidem*, p. 114.

tomou e, por isso, é necessário ter em conta que esta vai marcada com a fragilidade própria da pessoa que a tomou²³⁰.

Ao tomar alguma decisão referente ao cristão, o responsável da comunidade deve ter em conta que aquele a quem vai pedir algo é uma pessoa única e irrepetível, com um carisma próprio e com uma missão específica e, por isso, deve respeitá-la. A grande missão da autoridade na Igreja é olhar para cada um daqueles que lhe estão confiados como “uma jóia singular que é necessário polir; não se deve quebrar nem cortar para a tornar idêntica a outras.”²³¹. Não deve, por isso ter medo de reconhecer no cristão um carisma próprio e, como tal, ajudá-lo a desenvolver e a crescer em prol da comunidade. O fiel deve, também, na sua liberdade, estar disponível para acolher a vontade da autoridade, como meio de encontrar a sua vocação e missão no mundo e na Igreja. É o próprio Concílio Vaticano II que pede aos pastores que animem a que os fiéis tomem iniciativas, proponham iniciativas com uma paternal bondade e aos fiéis pede que acolham o ensino dos pastores²³². José Maria Castillo diz que o amor que move o cristão “é a ação direta do Espírito no coração de cada crente, não atenta nem pode atentar contra a autoridade que o Espírito quer que exista na sua igreja.”²³³.

O Espírito, que faz com que exista a autoridade na Igreja, é o mesmo que nos torna livres. É o mesmo Espírito que nos pede uma liberdade total perante o mundo e nos pede que obedecemos à autoridade. Contudo, a autoridade que o Espírito quer que obedecemos não é a que vem dos homens, mas a que procede de Deus (cf. Act 5,29). Todavia, Deus age no mundo através das estruturas humanas as quais ajudam a compreender e a realizar a vontade de Deus. É preciso, pois, discernir em conjunto, em comunidade, para que melhor se compreenda o que Deus pede a cada um tendo em vista o bem comum, o bem da comunidade eclesial e humana.

A obediência à autoridade, mais que um jogo de poder, deve ser um diálogo profundo e aberto, baseado na confiança e no amor, tal como acontecia entre Jesus e o Pai. Um diálogo

²³⁰ Cf. L. BOISVERT, *La obediencia religiosa*, p. 70.

²³¹ J. BURGGRAF, *A Liberdade vivida com a força da fé*, p. 124.

²³² Cf. LG 37 in AAS vol. 57 (1965) p. 42-43.

²³³ J.M. CASTILLO, *El discernimento cristiano*, p. 82.

em que nenhum dos intervenientes procure colocar a sua vontade acima da dos outros, mas esteja aberto e acolha como sua a decisão tomada. Este diálogo é um ato de profunda liberdade porque tem o seu fundamento não no amor próprio, mas num amor que o faz sair de si para ir ao encontro do outro, da comunidade, e colocar-se ao seu serviço. A comunhão é sinal da presença do Espírito e do ressuscitado e onde “o Espírito Santo atua, há uma obediência livre e responsável. Um dos frutos da sua presença é o desejo de cumprir as ordens recebidas e de fazer, na medida do possível, o que os outros pedem.”²³⁴.

A obediência à autoridade, tal como a obediência à consciência, é necessária para que o Reino de Deus se torne presente no mundo. Porém, quando as leis humanas são injustas, o cristão deve enfrentá-las, sem nunca deixar de ser obediente. Porque, em última instância, o que importa é a vontade de Deus sem nunca perder o respeito pelas autoridades legítimas²³⁵. Por isso, é preciso que haja um discernimento profundo nos cristãos, e a Igreja, nos seus pastores, deve auxiliar e disponibilizar os meios necessários, para esse discernimento. Desta forma, o cristão torna-se alguém verdadeiramente comprometido com o projeto de Deus e com toda a obra da criação.

2.3. A vida cristã: um compromisso no mundo e para com o mundo

Como vimos a vida cristã tem necessidade da obediência e da liberdade do cristão. Sem estes dois pilares essenciais não possível haver vida cristã. A vida cristã, vivida na obediência e na liberdade, leva a um compromisso com o mundo e com a Igreja. Tal compromisso é o que reveste a vida cristã e lhe dá um sentido, porque o compromisso assumido é com Jesus, o de continuar a sua obra.

O momento de menos fulgor na vida cristã, que hoje se vive um pouco por toda a Europa, deve-se muito à má compreensão tanto da obediência como da liberdade. De facto, a imagem que se passa é a de uma Igreja autoritária, que muitas vezes não olha para as pessoas

²³⁴ J. BURGGRAF, *A Liberdade vivida com a força da fé*, p. 133.

²³⁵ Cf. *Ibidem*, p. 126-127.

concretas, não as compreende, e faz imposições um pouco como os fariseus no tempo de Jesus. Para Nolan o “problema que hoje nós temos é que falar sobre a obediência à vontade de Deus soa a opressão e dominação.”²³⁶.

É preciso, portanto, apresentar a obediência como ela é na sua essência: escutar atentamente. Todavia, não se deve esquecer que a obediência só é verdadeira quando parte da liberdade do próprio cristão. Ninguém na Igreja tem a autoridade para impor a um fiel uma medida sem antes o escutar e compreender o que o move. É preciso que a autoridade, como foi visto anteriormente, tenha um papel de pai que escuta abertamente o que o filho tem e o ajuda a compreender o seu caminho, o seu lugar no mundo. Porém, não deve ser ele, a autoridade, a dizer qual o caminho que o crente deve seguir, qual a sua vocação/missão. Deve, sim, ajudá-lo a decidir, a arriscar uma escolha.

Compreende-se, então, a importância da liberdade interior da pessoa. Contudo, a liberdade nos dias de hoje também é mal compreendida. É normal dizer-se que ser livre é fazer o que se quer. Tal afirmação constitui um problema. O primeiro é que ninguém é absolutamente livre de fazer o que quer, porque, como vimos anteriormente, a liberdade é sempre condicionada. Deste modo, quando se fala em liberdade fala-se do agir, e de um agir segundo impulsos da vontade própria, procurando o seu próprio bem. Pode-se dizer que é uma liberdade escrava. A liberdade livre é aquela que segue os ditames da consciência e lhes é fiel, procurando o bem e a justiça, assumindo as consequências que advêm do seu agir, mesmo que se prejudique a si próprio.

Para que a vida cristã produza frutos, o cristão deve comprometer-se com Cristo e com a Igreja. Tal compromisso leva-o a comprometer-se com o mundo e no mundo. O cristão, à imagem de Cristo, é aquele que está no mundo como quem serve (cf. Jo 13,14). A missão do cristão é, como já vimos, ser luz do mundo e sal da terra (cf. Mt 5,13-14), é ser fermento novo no mundo (1 Cor 5,7), para que nele brilhe e cresça o amor de Deus. A missão é feita através

²³⁶ A. NOLAN, *Jesús, hoy*, p. 240.

do serviço e este tem a sua raiz na liberdade e na obediência do cristão. Tanto a obediência como a liberdade exigem da pessoa uma entrega ao outro. A obediência e a liberdade passam por escutar o que o Pai nos pede através do Filho e, deixando atuar o Espírito Santo no coração, aceitar e fazer sua a vontade do Pai.

A importância da obediência e da liberdade na vida cristã tem aqui o seu fundamento. A atitude do discípulo é a de quem é obediente e livre. Obediente porque escuta o Senhor, livre porque na sua liberdade interior faz sua a vontade de Deus. O cristão deve, então, ter a mesma atitude, uma vez que é discípulo de Jesus. Ao olhar para a Igreja, na sua estrutura hierárquica, o cristão deve encontrar o próprio Cristo que lhe ensina qual a sua missão, e que o ajuda a compreendê-la. Cabe à dita estrutura olhar para os cristãos como filhos que precisam de um pai e de uma mãe que exerça a autoridade com caridade, que os ajude a crescer no conhecimento de Cristo e, por conseguinte, a descobrir a sua vocação particular. Ao fiel pede-se que olhe para hierarquia como um filho olha para o pai e para uma mãe, procurando amar e compreender a suas fragilidades, acolhendo, na sua liberdade o conselho que lhe dá, sem medo de apresentar o seu ponto de vista.

Só vivendo desta forma a liberdade e a obediência poderá haver um autêntico compromisso cristão. É difícil porque é preciso ultrapassar barreiras que ainda existem e que impedem de olhar para a Igreja como um todo. Como uma única família reunida à volta do mesmo Pai. Que tem uma única missão. Mais do que a vontade, ou desejo pessoal, de cada um, deve aparecer como luz no mundo a vontade de Deus, que não é outra senão a salvação da humanidade. É importante que quem tem responsabilidades na Igreja as exerça como um serviço à pessoa e ao mundo. É, também, importante que todos os cristãos, todo o povo de Deus, cada um na sua missão e vocação, saiba que têm de agir em conformidade com a vontade de Deus, em primeiro lugar, e em conformidade com a Igreja, ainda que tenha fragilidades e não seja perfeita. Contudo, o cristão nunca deve agir em nome próprio, porque o agir do cristão é o agir da Igreja. Por isso, é importante que a Igreja ensine e forme os crentes, de modo a que estes

compreendam as suas decisões. Porém, é também importante que a Igreja esteja aberta e saiba acolher os contributos que os fiéis lhe podem trazer e, em conjunto discernir, o melhor possível, qual a vontade de Deus, para melhor a realizar no mundo.

Conclusão

Este trabalho, de facto, respondeu à minha inquietação pessoal de saber a relevância da liberdade e da obediência na vida cristã e o modo como viver as duas numa sociedade em que ambas são apresentadas como dois polos opostos.

Pode-se concluir que somente a partir da obediência de Cristo compreendemos em que consiste a obediência cristã. Isto porque é por ter sido obediente que Cristo nos salva e nos confere o Espírito que nos torna filhos, que nos liberta e nos chama a segui-Lo. A obediência cristã encontra no discipulado a sua concretização, pois ser obediente é escutar atentamente Aquele que fala e que pede uma resposta livre. O discípulo é aquele que escuta a voz do Espírito que ressoa no mais profundo do seu ser, que o chama a um seguimento concreto, que o chama a seguir Cristo em todas as circunstâncias da vida. É o mesmo Espírito, que acolhido dispõe o cristão a assumir livremente o caminho de Jesus. Seguir Jesus é a essência da vida cristã. Esta é uma vida movida pelo Espírito que conduz à configuração com Cristo. O Espírito é libertador e leva à obediência. Ser livre e obediente são as características basilares da vida cristã fundada em Cristo. Sem elas não há uma vida cristã autêntica, que seja vivida como um compromisso de continuar a missão de Cristo no tempo presente.

Na verdade, concluímos que ambas são determinantes para a vida cristã, são os pilares essenciais da vida cristã. Não há vida cristã sem liberdade e sem obediência. E quer a liberdade quer a obediência estão intimamente ligadas entre si, não se podem separar. A separação deve-se a uma forma errada de compreensão quer da liberdade quer da obediência.

A liberdade e a obediência na vida cristã derivam de Cristo e é em Cristo que encontram o seu fundamento, por isso é que não se podem separar. O discípulo é, por isso, na sua vida chamado a seguir o caminho da obediência na liberdade. Só existe obediência se existir liberdade. O cristão à medida que aprofunda a sua relação de intimidade com Jesus, deixando que o Espírito Santo atue nele, vai-se abrindo cada vez mais à escuta da sua voz que chama e

que pede uma resposta, que o envia a continuar a sua missão no mundo. É nessa intimidade que se dá o encontro entre a liberdade e a obediência. É certo que fazer a vontade de Deus por vezes pode ser uma cruz na medida em que esta vontade não corresponde à do discípulo. É neste confronto que se joga a liberdade. Se o cristão é verdadeiramente livre, faz sua a vontade de Deus, aceitando o sofrimento de esta não corresponder à vontade dos desejos e ambições pessoais. Por isso, na sua obediência o cristão torna-se verdadeiramente livre. Contudo, há o perigo de se cair numa obediência que é escravidão. Deste modo, é importante haver um acompanhamento espiritual que ajude o cristão a fazer um discernimento sério e autêntico, de forma a ajudá-lo a tomar uma decisão livre e autêntica.

Ao longo deste trabalho, foram aparecendo outras questões e inquietações: será que os fiéis têm consciência da sua vocação pessoal? De que a sua vida é o meio pelo qual Deus quer continuar a sua obra salvífica? De que seguir Cristo exige tanto a liberdade como a obediência? Terão os superiores das casas religiosas e os reitores das casas de formação noção da importância da liberdade e da obediência? Como é que os seminários formam para a liberdade e para a obediência? Como vivem os responsáveis das comunidades a obediência e a liberdade? Como apresentam a autoridade? Deixa a Igreja, verdadeiramente espaço à liberdade do cristão para exprimir o seu carisma? É a Igreja um verdadeiro espaço de liberdade, em que cada cristão pode expressar o seu carisma, sem ser posto de parte, ajudando a comunidade a crescer? Ou será um espaço de opressão em que todos têm de ser iguais, formatados a uma única voz autoritária? A estrutura hierárquica ajuda os fiéis a desenvolver os seu carismas, dando-lhes o espaço necessário para tal?

Sei que são perguntas, algumas delas um pouco fraturantes. Contudo, são perguntas e inquietações que foram surgindo ao longo deste projeto. Tenho, também, plena consciência de que este trabalho é muito geral. E algumas das perguntas possivelmente encontrariam resposta se fosse mais específico. Contudo, ficam estas questões para um estudo e aprofundamento posterior.

A realização deste trabalho, além das respostas e das perguntas a que cheguei, foi um auxílio para a minha vida enquanto cristão. Ajudou-me não só a compreender um pouco melhor a radicalidade e a exigência da vida cristã, como também a compreender um pouco melhor o que Deus me pede. Foi, sem dúvida, um trabalho que me deu um profundo gozo intelectual, mas sobretudo um imenso e profundo gozo espiritual.

BIBLIOGRAFIA

1. Documentos do magistério

ACTA IOANNIS PAULI PP, II, Litterae Encyclicae *Acta Apostolica Sedis* vol. 71 (1979), 15 Martii 1979, N. 4, p. 257-324,

CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA, Editora Gráfica de Coimbra, Coimbra, 1993.

SACROSANCTUM CONCILIUM OECUMENICUM VATICANUM II, Constitutio Dogmatica de ecclesia, *Acta Apostolica Sedis* vol. 57 (1965), 30 Ianuarii 1965, N. 1, p. 5-67.

SACROSANCTUM CONCILIUM OECUMENICUM VATICANUM II, Constitutio Dogmatica de Divina Revelatione, *Acta Apostolica Sedis* vol. 58 (1966), 5 Novembris 1966, N. 12, p. 817-830.

SACROSANCTUM CONCILIUM OECUMENICUM VATICANUM II, Constitutio Pastoralis de ecclesia in mundo huius temporis, *Acta Apostolica Sedis* vol. 58 (1966), 7 Decembris 1966, N. 15, p. 1025-1115.

2. Manuais e estudos

BARBAGLIO, G., *Espiritualidad del Nuevo Testamento*, Ediciones Sígueme, Salamanca, 1994.

BOISVERT, L., *La obediencia religiosa*, Editorial Sal Terrae, Santander, 1989.

BRAVO, A., *A oração dom e tarefa. Um caminho de plenitude e de ação comprometida do servidor do Evangelho*, Paulinas Editora, Prior-Velho, 2010.

BURGGRAF, J., *A Liberdade vivida com a força da fé*, Diel, Lisboa, 2012.

CACHO NAZÁBAL, I., *Cristología*, Editorial Sal Terrae, Santander, 2015.

CANTALAMESA, R., *Obediência*, Edições Emanuel, Coimbra, 1995.

CASTILLO, J. M., *El seguimiento de Jesús*, Ediciones Sígueme, Salamanca, 2005, 8ª edição.

—, *El discernimento cristiano*, Ediciones Sígueme, Salamanca, 2007, 6ª edição.

CODINA, V., «No extingáis el Espíritu». *Una iniciación a la Pneumatología*, Editorial Sal Terrae, Santander, 2008.

COUTINHO, V., “Consciência e Liberdade à Luz da doutrina do Concílio Vaticano II”, in *Didaskalia* XLII (1012) 2, p. 145-163.

- DE LA PEÑA, J. L. R., *El don de Dios. Antropología teológica especial*, Editorial Sal Terrae, Santander, 1991, 3ª edição.
- , *Imagen de Dios. Antropología Teológica Fundamental*, Editorial Sal Terrae, Santander, 1988, 5ª edição.
- DUQUOC, C., *Cristología. El hombre Jesus*, Ediciones Sígueme, Salamanca, 1969.
- , *Cristología. El messias*, Ediciones Sígueme, Salamanca, 1972.
- FERNÁNDEZ, B., *El Cristo del seguimiento*, Publicaciones Claretianas, Madrid, 1995.
- , *Jesucristo. Seguimiento y contemplación*, Publicaciones Claretianas, Madrid, 2006.
- , *Seguir a Jesús, el Cristo*, Publicaciones Claretianas, Madrid, 1998.
- FORTE, B., *En memoria del salvador*, Ediciones Sígueme, Salamanca, 1997.
- GAMARRA, S., *Teología Espiritual*, Biblioteca de Autores Cristianos, Madrid, 2007, 2ª edição.
- GARRIDO, J., *Proceso humano y Gracia de Dios. Apuntes de espiritualidade cristiana*, Editorial Sal Terrae, Santander, 1996, 2ª edição.
- GONZÁLEZ DE CARDEDAL, O., *Cristología*, Biblioteca de Autores Cristianos, Madrid, 2008.
- GUARDINI, R., *Liberdade, Graça e Destino*, Editorial Aster, Lisboa, 1958.
- JUSTO DOMINGUEZ, E. J., *La libertad de Jesús*, Ediciones Sígueme, Salamanca, 2014.
- , *La libertad. De la experiencia al concepto*, Biblioteca de Autores Cristianos, Madrid, 2016.
- KASPER, W., *Jesús, el Cristo*, Ediciones Sígueme, Salamanca, 13ª edição, 2012.
- , *El Dios de Jesucristo*, Ediciones Sígueme, Salamanca, 8ª edição, 2011.
- MANICARDI, L., *Viver uma fé adulta. Itinerário para um cristianismo credível*, Paulinas Editora, Lisboa, 2012.
- NAGLE, C., “The freedom of the Children of God”, in *The Australasian Catholic Record*, Vol. 93 Jan. 2016 Issue1, p15-30.
- NOLAN, A., *Jesús, hoy. Una espiritualidade de libertad radical*, Editorial Sal Terrae, Santander, 2011, 7ª edição.
- PIÉ-NINOT, S., *La teología fundamental*, Secretariado Trinitário, Salamanca, 5ª edição, 2002.
- PONCE CUÉLLAR, M., *Cristo, Siervo y Señor*, EDICEP, Valência, 2007.
- RAHNER, K., *Curso Fundamental sobre la fe. Introducción al concepto de cristianismo*, Herder Editorial, Barcelona, 2007, 2ª edição.

- , *Oyente de la palabra. Fundamentos para una filosofía de la religión*, Editorial Herder, Barcelona, 1976, 2ª impressão 2009.
- , *La Gracia como libertad*, Editorial Herder, Barcelona, 2ª edição, 2008.
- RATZINGER, J., *Jesus de Nazaré. Da Entrada em Jerusalém até à Ressurreição*, Principia Editora, Lda., Cascais, 2011.
- , *Kommentar zum Konsilstext Gaudium et Spes, in LThK. Das 2. Vatikanische Konzil, Teil III*, Herder, Freiburg, 1968, p.328-331
- RULLA, L.M., *Antropologia da vocação cristã*, Edições Paulinas, São Paulo, 1987.
- RUPNIK, M.I. *O discernimento. Da purificação à comunhão*, Paulinas Editora, Prior Velho, 2014, 2 edição.
- SCHNACKENBURG, R., *La existencia cristiana según el Nuevo Testamento*, vol. 1, Editorial Verbo Divino, Navarra, 1970
- THOMAS, J., *Llamados a la libertad*, Editorial Sal Terrae, Santander, 1986.
- URIARTE, J.M., *Servir como pastores. Claves de la espiritualidade sacerdotal*, Editorial Sal Terrae, Santander, 2011.